Vida do Bem-aventurado Romualdo

- Tradução portuguesa — versão de trabalho para revisão
- Prólogo à Vida do Bem-aventurado Romualdo
- Capítulo I — A vocação religiosa de Romualdo
- Capítulo II — A conversão de Romualdo à vida monástica
- Capítulo III — Os monges de Santo Apolinário tramam a morte de Romualdo
- Capítulo IV — Romualdo retira-se para o ermo
- Capítulo V — Romualdo transfere-se para Cuxa
- Capítulo VI — Ascetismo e magistério
- Capítulo VII — Romualdo luta contra o demônio
- Capítulo VIII — Pedro Orseolo prediz o futuro
- Capítulo IX — Romualdo ensina sobre o jejum e a oração
- Capítulo X — A queda de um conde ganancioso e cruel
- Capítulo XI — A conversão do conde Oliba
- Capítulo XII — Romualdo deve regressar à Itália
- Capítulo XIII — Romualdo engana os assassinos e reconduz Sérgio ao bom caminho
- Capítulo XIV — Sérgio vê o Espírito Santo e morre santamente
- Capítulo XV — A santificação de João Gradenigo
- Capítulo XVI — Romualdo traz no corpo a cicatriz de sua luta contra os demônios
- Capítulo XVII — O demônio volta-se contra os discípulos de Romualdo

- Capítulo XVIII — Os irmãos de Bagno entregam-se a excessos diabólicos
- Capítulo XIX — São Apolinário ordena a Romualdo que retorne a Santo Apolinário
- Capítulo XX — Romualdo torna-se verde no pântano de Comacchio
- Capítulo XXI — A oração de Romualdo extingue o incêndio de sua cela
- Capítulo XXII — O imperador Otão III obriga Romualdo a aceitar a abadia de Santo Apolinário
- Capítulo XXIII — Romualdo renuncia à abadia e pacifica a cidade rebelde de Tívoli
- Capítulo XXIV — Romualdo aconselha o futuro São Venério
- Capítulo XXV — Romualdo converte Tammus à vida monástica e recebe a promessa de conversão de Otão
- Capítulo XXVI — Romualdo conduz seus convertidos de Monte Cassino a Pereo
- Capítulo XXVII — Bruno é martirizado entre os prussianos
- Capítulo XXVIII — João e Bento, vindos de Pereo, são martirizados na Polônia
- Capítulo XXIX — O mensageiro de João e Bento é preso, mas libertado por um anjo
- Capítulo XXX — Constrói-se um mosteiro em honra de Santo Adalberto, e Romualdo prediz a morte de Otão III
- Capítulo XXXI — Em Parenzo, Romualdo recebe o dom da compreensão e das lágrimas
- Capítulo XXXII — Romualdo profetiza
- Capítulo XXXIII — A oração de Romualdo salva marinheiros durante uma tempestade
- Capítulo XXXIV — Romualdo procura reformar Biforco
- Capítulo XXXV — Romualdo funda Val di Castro
- Capítulo XXXVI — Romualdo repreende com brandura um ladrão
- Capítulo XXXVII — Julgava-se que Romualdo queria conduzir o mundo inteiro à vida monástica
- Capítulo XXXVIII — Milagres são realizados por intermédio de um jovem discípulo
- Capítulo XXXIX — Romualdo busca o martírio na Hungria, mas encontra perseguição em Orvieto
- Capítulo XL — Romualdo representa a majestade de Deus diante dos pecadores
- Capítulo XLI — Um abade simoníaco tenta estrangular Romualdo
- Capítulo XLII — Romualdo é chamado de volta de Parenzo por autoridade romana
- Capítulo XLIII — A morada de um monge, pela qual Romualdo se responsabilizara, é protegida de um ladrão
- Capítulo XLIV — Romualdo envia um irmão para surpreender outros ladrões
- Capítulo XLV — Romualdo é expulso de Val di Castro

- Capítulo XLVI — Romualdo cura uma dor de dentes
- Capítulo XLVII — Uma árvore é milagrosamente desviada para não cair sobre a cela de Romualdo
- Capítulo XLVIII — Um camponês é milagrosamente salvo da morte sob outra árvore
- Capítulo XLIX — Romualdo é falsamente acusado de pecado carnal
- Capítulo L — Romualdo é arrebatado durante a Missa e recebe a ordem de explicar os Salmos
- Capítulo LI — A alma de Romualdo é levada diante de Deus, branca como a neve
- Capítulo LII — Romualdo prega por sua própria vida em Sitria
- Capítulo LIII — Romualdo cura uma dor de cabeça com seu sopro
- Capítulo LIV — Romualdo cura um homem enlouquecido com um beijo
- Capítulo LV — Romualdo cura um irmão de uma grave doença das pernas
- Capítulo LVI — Engelberto atrai sobre si a separação de Romualdo
- Capítulo LVII — Gaudêncio abandona Romualdo por Engelberto e é afastado do altar celeste
- Capítulo LVIII — Um irmão presunçoso é atormentado por demônios no leito de Romualdo
- Capítulo LIX — Uma mulher enlouquecida que se opunha a Romualdo é curada por sua bênção
- Capítulo LX — Um menino possesso é curado da mesma maneira
- Capítulo LXI — O demônio, ao fugir, rompe a parede da cela de Romualdo
- Capítulo LXII — O demônio aparece sob a forma de um cão vermelho
- Capítulo LXIII — A discórdia entre os discípulos de Romualdo alegra o demônio
- Capítulo LXIV — Sitria torna-se como uma nova Nítria
- Capítulo LXV — Romualdo obtém do imperador Henrique II o mosteiro de Monte Amiata
- Capítulo LXVI — Romualdo é invocado para salvar um monge que planejava matá-lo
- Capítulo LXVII — Romualdo profetiza a chegada de alimentos durante uma enchente
- Capítulo LXVIII — Um peixe é encontrado para Romualdo num riacho quase seco
- Capítulo LXIX — Romualdo morre em Val di Castro
- Capítulo LXX — Um possesso é curado pela túnica de crina de Romualdo
- Capítulo LXXI — Uma vaca roubada é restituída à sua dona
- Capítulo LXXII — Constrói-se um santuário para o corpo incorrupto de Romualdo

Tradução portuguesa — versão de trabalho para revisão

Esta versão reúne, em sequência contínua, a tradução portuguesa da *Vita beati Romualdi* de São Pedro Damião feita ao longo desta conversa. O texto-base utilizado foi a tradução inglesa de Colin Ralph Phipps, *Saint Peter Damian's Vita Beati Romualdi: Introduction, Translation and Analysis* (King's College London, 1988), baseada na edição crítica de Giovanni Tabacco, *Petri Damiani Vita Beati Romualdi* (Fonti per la storia d'Italia 94, Roma, 1957).

A análise historiográfica de Phipps não foi incorporada ao corpo da tradução. As notas abaixo são notas de tradução/editoriais registradas durante a revisão em conversa e destinam-se a ser revistas antes da diagramação final.

Critérios de tradução

- *conversatio* é vertido conforme o contexto por “vida religiosa”, “modo de vida”, “vida monástica” ou “vida eremítica”;
- *virtus* pode aparecer como “virtude”, “poder” ou “milagre”, conforme o contexto;
- *heremus* é normalmente vertido por “ermo” ou “eremitério”;
- nomes próprios foram aportuguesados quando havia forma tradicional corrente.

Prólogo à Vida do Bem-aventurado Romualdo

Contra ti, mundo imundo, protestamos sem reservas: tens uma multidão intolerável de sábios insensatos, eloquentes quando se trata de ti, mas mudos quando se trata de Deus. Tens homens que, por meio de vã eloquência e filosofia vazia, sabem elevar-se arrogantemente sobre os chifres da soberba; mas não tens quem queira consignar em páginas escritas alguma coisa que possa servir à edificação do próximo e à memória das gerações futuras.

Tens, digo eu, aqueles que sabem defender, com incessante declamação nos tribunais, os litígios e as causas ruidosas dos negócios deste mundo; mas não tens quem seja capaz de descrever os admiráveis poderes e os luminosos feitos sequer de um dos santos da santa Igreja. Sábios para praticar o mal, nem sequer sabem fazer o bem.

Eis que já se passaram quase quinze anos desde que o bem-aventurado Romualdo depôs o peso da carne e partiu para as regiões celestes; e até agora não apareceu nenhum desses sábios que, com a pena do historiador, divulgasse ao menos algumas das muitas glórias de sua vida admirável e satisfizesse a ardentíssima devoção dos fiéis, oferecendo para a utilidade comum da santa Igreja relatos que pudessem ser lidos do púlpito.

Seria mais proveitoso para nós, é verdade, permanecendo no estreito recanto de nossa pequena cela, recordar continuamente diante dos olhos da mente os nossos próprios pecados, como era nosso propósito, do que compor a história da virtude alheia. Seria mais conveniente lamentar as trevas dos males cometidos do que obscurecer, com palavras inábeis, os resplandecentes sinais da santidade.

Entretanto, uma multidão de fiéis acorre ao seu sepulcro, vinda das mais longínquas regiões da terra, durante todo o ano e sobretudo no dia de sua festa; contempla com admiração os milagres que Deus realiza por seu intermédio e deseja ardentemente ouvir a história de sua vida — história que, por ainda não existir, não pode ouvir. Por isso, não sem razão, tememos seriamente que sua celebradíssima fama, que até agora permanece na boca de todo o povo, venha a desaparecer inteiramente da memória dos homens com o curso fugaz do tempo.

Movido, portanto, por esse temor, pelas súplicas de muitos irmãos e pelo vínculo de seu sincero amor, empreenderei, com o auxílio de Deus, pôr por escrito aquilo que aprendi acerca desse homem admirável por meio de seus eminentes discípulos. Embora eu seja certamente inábil, procurarei registrar o princípio, o curso e o fim de sua vida, não compondo propriamente uma história, mas antes um breve memorial, ornado com os recursos literários de que eu for capaz.

Quero, porém, que o leitor saiba desde o princípio uma coisa: não reunirei nesta pequena obra muitos dos milagres realizados por seu intermédio; antes, procurarei narrar aquilo que de todos os modos conduz à edificação — a ordem de sua vida religiosa. O bem-aventurado homem protegeu-se do vento da vanglória sob o abrigo da humildade com tanto cuidado que ocultava tudo aquilo que pudesse parecer admirável aos olhos humanos, zelando ao máximo pelo segredo.

Ainda que não tivesse realizado milagre algum, seria digno de não menor veneração por ter levado uma vida admirável. Pois nem mesmo do Precursor do Senhor se lê que tenha realizado milagres; e, no entanto, a própria Verdade testemunha que entre os nascidos de mulher não surgiu ninguém maior do que ele.

Não são poucos os que julgam prestar honra a Deus quando inventam mentiras para exaltar os poderes dos santos.[1] Ignorando que Deus não necessita de nossas mentiras, abandonam a Verdade, que é o próprio Deus, e imaginam poder agradá-lo fabricando falsidades. Jeremias os refuta muito bem: “Ensinaram sua língua a dizer mentiras; cansam-se de praticar a iniquidade.” Aqueles que poderiam facilmente relatar a simples verdade que espontaneamente lhes é oferecida entregam-se, em vão, ao esforço de compor aquilo que não conhecem; e, julgando colocar-se ao lado de Deus como se fossem seus auxiliares, na realidade combatem obstinadamente contra Ele como falsas testemunhas, assim como o Apóstolo atesta aos Coríntios: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé”; e acrescenta: “Somos encontrados como falsas testemunhas de Deus, porque testemunhamos contra Deus que Ele ressuscitou Cristo, a quem não ressuscitou.”

Mas, já que antepusemos estas palavras quase com indignação, porque a necessidade nos obrigou a escrever, passemos agora, com as preces daquele de quem falamos e com o auxílio de Deus, à sequência da narrativa.

O latim *virtutes* pode significar “virtudes”, “poderes” e, em contexto hagiográfico, “milagres”.

Capítulo I — A vocação religiosa de Romualdo

Romualdo, natural da cidade de Ravena, descendia de uma ilustríssima linhagem de duques.

Quando chegou à adolescência, começou a levar uma vida dissoluta no pecado da carne, vício pelo qual os homens costumam ser violentamente assaltados nessa idade, sobretudo os ricos. Contudo, sua mente permanecia voltada para Deus, e muitas vezes ele procurava despertar a si mesmo e incitar-se a realizar algo de grande.

Mesmo quando se preparava para o passatempo da caça, assim que encontrava em algum lugar do bosque um recanto agradável, seu coração se inflamava de desejo pelo ermo e ele dizia consigo mesmo:

“Como os eremitas podem viver bem nestes retiros da floresta! Como podem repousar aqui, tão convenientemente, de todo o tumulto e do ruído do mundo!”

Assim, sua mente, inspirada pelo Céu, pressentia no amor aquilo que mais tarde haveria de realizar em obras.

Seu pai, chamado Sérgio, entregava-se intensamente aos negócios do mundo e estava inteiramente envolvido nos assuntos seculares. Tendo surgido uma disputa com um de seus parentes pela posse de uma herança, começou a travar contra ele uma hostilidade aberta. Vendo que Romualdo hesitava em participar da contenda e que estremecia profundamente diante do crime de fratricídio, Sérgio começou a ameaçá-lo de deserdá-lo se continuasse com essa disposição.

Que mais dizer? Por fim, as duas partes inimigas saíram da cidade até o lugar que era objeto da disputa, tomaram as armas e entraram em combate. Enquanto lutavam corpo a corpo, avançando e recuando, o adversário foi subitamente morto pela própria mão de Sérgio.

Romualdo, embora não tivesse desferido golpe algum contra o homem abatido, assumiu penitência por tão grande pecado, porque estivera presente. Dirigiu-se imediatamente ao mosteiro do bem-aventurado Apolinário, em Classe, para ali permanecer quarenta dias em luto e penitência, segundo o costume imposto aos homicidas.

Capítulo II — A conversão de Romualdo à vida monástica

Enquanto ali mortificava o corpo com contínua e severa penitência, Romualdo começou a conversar diariamente com certo monge já adulto na vida religiosa. Dele ouvia com frequência bons conselhos e palavras de encorajamento, na medida em que sua compreensão ainda limitada podia recebê-los.

Esse monge o exortava repetidamente a abandonar por completo a vida secular e a ingressar sem demora na ordem da santa vida religiosa. Romualdo, porém, não conseguia de modo algum humilhar o espírito a ponto de fazê-lo.

Certo dia, o monge, como se o felicitasse por outra coisa, introduziu o assunto dizendo:

“Se eu te mostrasse o bem-aventurado Apolinário em sua aparência corporal, de modo que pudesses vê-lo claramente, que recompensa me darias?”

Romualdo respondeu:

“Comprometo-me por promessa firme e inviolável: assim que eu vir o bem-aventurado mártir, não permanecerei mais no mundo.”

O monge então aconselhou Romualdo a não dormir naquela noite e a permanecer com ele em vigília e oração na igreja. Enquanto ambos perseveravam pacientemente em oração no silêncio da noite, eis que, por volta do canto do galo, o bem-aventurado Apolinário apareceu claramente diante deles, saindo de sob o altar erguido no meio da Igreja em honra da Bem-aventurada Virgem Maria.

Foi visto sair do lado oriental, precisamente do lugar em que se encontrava uma pedra de mármore púrpura. Tamanho esplendor encheu imediatamente toda a igreja que parecia que o sol havia encerrado dentro daquelas paredes todos os raios de sua glória.

Então o bem-aventurado mártir, admiravelmente ornado com vestes sacerdotais e trazendo na mão um turíbulo de ouro, incensou todos os altares da igreja. Depois disso, voltou diretamente para o lugar de onde havia saído, e todo o esplendor que o acompanhava desapareceu imediatamente.

O monge, cobrador severo da dívida de Romualdo, começou então a insistir energicamente para que cumprisse a promessa que espontaneamente fizera. Romualdo ainda resistiu e pediu que lhe fosse concedido ver novamente a mesma visão. Na noite seguinte perseveraram outra vez em oração e viram o bem-aventurado mártir exatamente como na primeira ocasião.

Por isso, sempre que mais tarde surgia alguma questão a respeito do corpo daquele mártir, Romualdo afirmava com absoluta certeza que ele se encontrava guardado naquela igreja; e, enquanto viveu, jamais deixou de dar esse testemunho.

Romualdo tinha o costume de prostrar-se frequentemente em oração diante do altar principal da Igreja e, depois que os irmãos se retiravam, permanecia ali suplicando a Deus com muitos gemidos. Certo dia, depois das visões, enquanto rezava com grande atenção, o Espírito Santo inflamou-lhe a mente com tamanho fogo de amor divino que ele rompeu subitamente em lágrimas e já não conseguiu conter os rios que lhe corriam dos olhos.

Lançou-se então aos pés dos monges e pediu, com desejo inabalável, que lhe fosse dado o hábito monástico.

Os monges, porém, temendo a severidade de seu pai, não ousavam autorizar sua entrada na vida religiosa. Onesto, que então ocupava a sede arquiepiscopal de Ravena, havia sido anteriormente abade daquela comunidade de Classe. Romualdo foi procurá-lo e lhe revelou todo o desejo de seu coração.

Onesto alegrou-se, encorajou-o e o incitou nessa santa aspiração. Ordenou aos irmãos que o recebessem sem demora em sua comunidade. Assim, amparados pela autoridade daquele antigo membro da casa, os monges acolheram Romualdo sem oposição e lhe deram o hábito da santa vida religiosa.

Romualdo permaneceu naquele mosteiro por cerca de três anos.

Capítulo III — Os monges de Santo Apolinário tramam a morte de Romualdo

Quando percebeu que não poucos dos monges viviam ali de maneira relaxada, seguindo o caminho largo, e que não lhe era permitido tomar o árduo e estreito caminho da perfeição que sua consciência lhe indicava como necessário, Romualdo começou a inquietar-se interiormente e a ser agitado pelas muitas ondas de seus pensamentos.

Passou então, com pouca prudência, a censurar a vida dos religiosos e, tomando como testemunho a Regra, lembrava-lhes frequentemente seus preceitos, para vergonha deles. Como insistia com veemência em expor os vícios dos irmãos, e eles desprezavam as palavras de um jovem e noviço, por fim já não quiseram suportar suas censuras. Em vez de corrigirem a própria vida, começaram a planejar a morte daquele que os repreendia.

Romualdo costumava levantar-se durante a noite antes dos outros irmãos e, se a porta do oratório ainda estivesse fechada, fazia suas vigílias em oração no próprio dormitório. O edifício era alto, construído à maneira de um sobrado.

Instigados pelo demônio, aqueles filhos de Caim conceberam então este plano: quando Romualdo se levantasse antes dos demais, como de costume, lançá-lo-iam de cabeça ao chão desde a parte alta do edifício.

Quando um dos participantes da conspiração lhe revelou o que estava sendo tramado, Romualdo recolheu-se daí em diante ao aposento interior do coração e, fechando a porta da boca, rezou ao Pai e evitou o perigo iminente.

Assim, enquanto se preservava de uma queda corporal, fechava também para os irmãos a garganta da iniquidade, para que eles próprios não caíssem na morte da alma.

Capítulo IV — Romualdo retira-se para o ermo

Enquanto o amor da perfeição crescia cada dia mais em seu coração e sua mente não encontrava repouso, Romualdo ouviu dizer que, nas proximidades de Veneza, vivia certo homem espiritual chamado **Marino**, que levava vida eremítica.

Obtendo facilmente o consentimento de seu abade e dos irmãos, dirigiu-se até aquele venerável homem numa embarcação de uso comum e passou a viver sob sua direção, com a mais humilde devoção.

Marino, entre outras virtudes, era homem de coração simples e de pureza inteiramente sincera. Não havia aprendido a vida eremítica por instrução de mestre algum, mas fora conduzido a ela somente pela força de sua boa vontade.

Seu modo de vida era este: durante todo o ano, em três dias de cada semana comia um pão ordinário e um punhado de favas; em outros três dias, usando de sóbria discrição, tomava um pouco de vinho e alimento cozido. Recitava diariamente o Saltério inteiro.

Era, contudo, bastante rude e inteiramente sem instrução quanto ao método da vida solitária. Como o próprio bem-aventurado Romualdo costumava contar mais tarde com bom humor, Marino frequentemente saía da cela e, juntamente com o discípulo, caminhava lentamente por toda a extensão do eremitério enquanto salmodiava: recitava vinte salmos debaixo de uma árvore, depois trinta ou quarenta debaixo de outra.

Como Romualdo deixara o mundo sem instrução nas letras, mal conseguia, com o Saltério aberto, decifrar sílaba por sílaba as palavras dos versículos; e manter os olhos continuamente baixos sobre o livro produzia nele uma sonolência insuportável.

Marino, então, tomava a vara com a mão direita e golpeava muitas e muitas vezes o lado esquerdo da cabeça de Romualdo, sentado diante dele. Depois de suportar longamente esse tratamento, Romualdo, constrangido por grave necessidade, disse humildemente:

“Mestre, por favor, golpeia-me de vez em quando na têmpora direita, porque já estou perdendo a audição do ouvido esquerdo.”

Marino, admirado com tamanha paciência, moderou daí em diante a severidade indiscreta de sua disciplina.

Capítulo V — Romualdo transfere-se para Cuxa

Naquele mesmo tempo, Pedro, de sobrenome Orseolo, governava o ducado de Veneza. Ele havia alcançado a dignidade ducal por ter apoiado os assassinos de seu predecessor, Pedro Candiano. Não julgo inútil explicar brevemente por que este fora morto por seus próprios súditos.

Candiano tomara por esposa a irmã do marquês Hugo, o Grande e, desejando imitar o cunhado, reunira numerosos cavaleiros vindos da Lombardia e da Toscana, sustentando-os com grande dispêndio de dinheiro. Os venezianos não toleraram isso e conceberam secretamente um plano para irromper de surpresa no palácio ducal e matar à espada o duque e toda a sua casa.

A conspiração, porém, foi descoberta. Candiano, protegido dia e noite por guardas, frustrou as maquinações dos adversários. Eles tentaram de diversos modos levar o plano a cabo, mas não conseguiam realizá-lo. Por fim decidiram incendiar primeiro a casa de Pedro Orseolo, que era contígua ao palácio, para que o fogo alcançasse o duque e consumisse também toda a sua família.

Como Pedro participava da conspiração, pediram-lhe consentimento para executar esse plano e estabeleceram a seguinte recompensa: em troca da única casa que perderia no incêndio, colocariam toda Veneza sob seu governo; morto o duque que odiavam, proclamariam imediatamente Pedro em seu lugar. Foi assim que ele alcançou o principado.

Mais tarde, já escravizado pelos prazeres de sua elevada posição, Pedro foi finalmente conduzido, pela dispensação da graça divina, à compunção do coração.

Havia então certo venerável abade chamado Guarino, vindo das regiões mais distantes da Gália, que costumava peregrinar por diversas partes do mundo por devoção à oração. Tendo ele chegado à presença do duque, Pedro logo lhe pediu conselho sobre como poderia escapar do perigo de tão grande pecado.

Foram então chamados Marino e Romualdo. Por sentença comum dos três, foi determinado que Pedro abandonasse o mundo ao mesmo tempo que o ducado que adquirira por seu crime; e que, por ter invadido injustamente a fortaleza do domínio alheio, se submetesse agora ao poder e ao governo de outro.

Como, entretanto, Pedro, homem revestido de grande poder, hesitava em realizar a conversão, julgou necessário deliberar sobre o modo de alcançar a salvação.

Aproximava-se a festa de certo santo mártir, em cuja honra Pedro mantinha em sua propriedade um oratório particular. Na véspera, enviou a esposa para lá como se pretendesse segui-la logo

depois, ordenando-lhe que ornamentasse magnificamente a Igreja e preparasse rapidamente um banquete de iguarias abundantes para aqueles que o acompanhariam no dia seguinte.

Ele, porém, permaneceu para trás. Separou dos seus tesouros aquilo que julgou necessário levar e, acompanhado de um membro de sua casa, João Gradenigo, que conhecia a conspiração antes mencionada, e dos três bem-aventurados homens de quem falamos, embarcou num navio. Assim fugiu para a Gália, rumo ao mosteiro do abade Guarino.

Pedro e João tornaram-se monges na comunidade de São Miguel. Marino e Romualdo prosseguiram até um lugar não distante do mosteiro e retornaram à vida solitária a que estavam acostumados. Passado menos de um ano, os irmãos já mencionados reuniram-se a eles para abraçar com maior perfeição o rigor daquela mesma solidão.

Capítulo VI — Ascetismo e magistério

Durante esse período, a mente de Romualdo inflamou-se de desejo e ele começou admiravelmente a avançar de virtude em virtude. Superou os outros irmãos com passos tão largos na santa vida religiosa que, a partir de então, qualquer decisão que tomasse entre eles, tanto sobre matérias espirituais quanto corporais, prevalecia sempre pelo consentimento comum.

Durante um ano inteiro, Romualdo não teve diariamente outro alimento além de um único punhado de grão-de-bico cozido, do qual somente vivia.

Por três anos, ele e **João Gradenigo** cavaram a terra com enxadas, semearam trigo e viveram do trabalho das próprias mãos.

Assim, ao praticarem a agricultura, acrescentavam ao peso do jejum o peso do trabalho.

Capítulo VII — Romualdo luta contra o demônio

O demônio costumava atacar Romualdo. Muitas e variadas eram as tentações que lançava contra ele, sobretudo no começo de sua conversão.

Ora lhe prendia a mente por meio de diversos estímulos dos vícios, fazendo-o recordar quanto um homem vigoroso poderia adquirir no mundo e quão grandes eram as coisas que deixara para trás, destinadas a ser avidamente herdadas, depois de sua morte, por parentes ingratos. Ora lhe sugeria que tudo quanto fazia era muito pouco e de mérito algum; ora lhe incutia horror diante da grandeza do esforço e lhe prometia uma vida longa.

Quantas vezes golpeou sua pequena cela, despertando-o quando mal começava a adormecer e obrigando-o, desde o cair da tarde, a permanecer em vigília durante toda a noite! Durante cerca de cinco anos consecutivos, o demônio deitava-se à noite sobre seus pés e pernas, oprimindo-o sob a aparência de um peso fantasmagórico, para que não pudesse voltar-se facilmente de um lado para o outro.

Quem poderia descrever quantas feras dos vícios, a rugir, ele teve de enfrentar? Ou quantas vezes obrigou espíritos obstinadamente hostis a fugir com repreensões duríssimas e tonitruantes?

Por isso, se algum dos irmãos, ainda que forçado pela necessidade, se aproximasse de sua cela durante o tempo de silêncio, o soldado de Cristo, sempre pronto para o combate, julgava imediatamente que fosse o demônio e bradava em alta voz:

“Para onde vais agora, criatura horrenda? O que tens tu a fazer num eremitério, tu que foste expulso do Céu? Sai daqui, cão imundo! Desaparece, serpente envelhecida!”

Com estas e outras palavras semelhantes, declarava que permaneceria sempre em ordem de batalha contra os espíritos malignos e que, sempre que o inimigo o desafiasse, sairia imediatamente ao campo para enfrentá-lo, revestido das armas da fé.

Capítulo VIII — Pedro Orseolo prediz o futuro

Aconteceu certa vez que Romualdo, lendo o livro das **Vidas dos Padres**,[1] encontrou a passagem em que se conta que certos irmãos jejuavam em solidão durante toda a semana, mas se reuniam aos sábados para aliviar o rigor do jejum e tomar alimento com maior liberdade no sábado e no domingo.

Romualdo adotou imediatamente esse modo de vida e permaneceu nele, com austeridade ininterrupta, durante cerca de quinze anos ou mais.

O duque Pedro, porém, acostumado desde sempre a numerosas iguarias, não tardou a sucumbir ao peso de jejum tão severo. Lançou-se humildemente aos pés do bem-aventurado Romualdo e, quando recebeu ordem de levantar-se, confessou envergonhado a necessidade que o constrangia:

“Pai, como tenho um corpo grande, não consigo sustentar-me, em penitência por meus pecados, apenas com esta metade de pão.”

Romualdo, compadecendo-se piedosamente de sua fraqueza, acrescentou mais um quarto à medida habitual. Estendeu assim a mão da misericórdia ao irmão que já vacilava, para que não viesse a cair inteiramente, e o confirmou no caminho da boa vida que havia começado.

Pedro tinha um filho do mesmo nome, homem muito prudente segundo a sabedoria do mundo, que certa vez foi visitá-lo. O pai — não sei se por espírito de profecia ou por alguma outra revelação — predisse-lhe o que haveria de acontecer:

“Fica sabendo, meu filho, sem nenhuma dúvida, que serás constituído duque e prosperarás. Cuida apenas de preservar os direitos das Igrejas de Cristo e de não te desviares da justiça para com teus súditos, nem por amor nem por ódio a pessoa alguma.”

Vitae Patrum (“Vidas dos Padres”) é o nome dado a coleções antigas e medievais de vidas, histórias e ensinamentos dos Padres do Deserto e de outros ascetas dos primeiros séculos do monaquismo.

Capítulo IX — Romualdo ensina sobre o jejum e a oração

Mais tarde, Romualdo leu que São Silvestre, bispo da cidade de Roma, havia ordenado que se observasse o jejum aos sábados, à semelhança da vigília da santa Páscoa. Transferiu então imediatamente para a quinta-feira a mitigação que antes concedia no sábado.

Desse modo, com sábio discernimento, levava em conta a fraqueza dos débeis e tornava mais suportável o jejum prolongado. Propunha a todos os que seguiam a vida solitária a seguinte regra: cada um poderia considerar que guardava o jejum próprio da vida eremítica se, no decorrer da semana, tomasse às quintas-feiras e aos domingos algumas verduras ou algum líquido, com ação de graças, aliviando assim os períodos de três e de dois dias de abstinência.

Excetuava as duas quadragésimas do ano — o Advento e a Quaresma — durante as quais não apenas ele, mas também muitos de seus discípulos, costumavam prolongar o jejum por toda a semana.

E quão convenientemente aquele que sempre se aplicava ao louvor de Deus, no coro e ao toque do sino, fazia ressoar continuamente aos ouvidos da Luz infinita as especiais consonâncias da harmonia: a oitava, a quinta e a quarta.

(nota de rodapé: Oitava, quinta e quarta: referência aos três intervalos consonantes fundamentais da teoria musical medieval. A imagem joga com a distribuição do jejum: contando-se inclusivamente, de domingo a domingo há oito dias (oitava), de domingo a quinta-feira cinco (quinta) e de quinta-feira a domingo quatro (quarta). Pedro Damião apresenta assim o ritmo semanal da abstinência como uma harmonia oferecida a Deus.)

Quanto ao jejum absoluto — isto é, passar o dia inteiro sem alimento algum —, proibia-o terminantemente aos outros, embora ele próprio o praticasse com muita frequência. Costumava dizer que, para aquele que procura a perfeição, era muito melhor comer todos os dias e permanecer sempre com fome; pois, pelo hábito gradual, a carne se tornaria mais leve, embora no princípio da conversão parecesse pesada aos noviços.

Desprezava o costume de começar por um instante uma prática extraordinária e depois não perseverar nela fielmente.

Quanto às vigílias, insistia que fossem feitas com moderação e grande discernimento, para que ninguém, depois de cumprir os ofícios noturnos, viesse a sucumbir ao sono. O santo homem detestava tanto esse tipo de sono que, se alguém lhe confessasse ter adormecido depois da décima segunda vigília dos salmos — sobretudo já próximo do amanhecer —, não lhe permitia de modo algum celebrar naquele dia os sagrados mistérios da Missa.

Dizia que seria melhor, se possível, cantar um único salmo de coração e com compunção do que percorrer cem com devoção fingida.

Àquele a quem tal graça ainda não tivesse sido plenamente concedida, aconselhava que não desesperasse; mas também que não se tornasse tíbio no exercício corporal, até que Aquele que concedera a vontade concedesse, no tempo oportuno, também a facilidade.

Bastaria que a intenção da mente permanecesse fixa em Deus para preservar o incenso da oração, ainda que o vento das cogitações exteriores procurasse perturbá-lo. Pois, onde a intenção é reta, não se deve temer excessivamente o assalto dos pensamentos contra a vontade.

Capítulo X — A queda de um conde ganancioso e cruel

Certa vez, quando Romualdo ainda permanecia nas regiões da Gália, tinha a seu serviço um camponês que às vezes fabricava para ele os utensílios de que necessitava em sua cela. Mais rico em caridade do que em bens, esse homem também o servia alegremente, com os escassos recursos de sua pobreza, em tudo aquilo que podia.

O camponês possuía uma vaca. Certo conde soberbo e inchado de orgulho enviou seus criados para tomá-la violentamente e ordenou que a carne do animal fosse preparada, com voracíssima gula, para seu jantar.

O camponês correu então à cela de Romualdo, clamando em altos brados a causa de sua desgraça e lamentando apaixonadamente que lhe tivessem tirado a esperança de sua própria subsistência e a de sua casa.

São Romualdo enviou imediatamente um mensageiro ao conde e pediu-lhe, com a mais humilde súplica, que devolvesse ao pobre o animal.

O conde, porém, respondeu insolentemente às súplicas, dizendo que poderiam ficar apenas com o cheiro do gordo lombo da vaca, pois ele próprio o comeria naquele mesmo dia.

Chegada a hora do jantar, a carne da vaca roubada foi colocada sobre a mesa. A sentença da vingança divina já pairava sobre o conde. Ele cortou para si um pedaço do rim do animal, colocou-o na boca e começou a comer.

Subitamente, o pedaço ficou preso em sua garganta com tamanha firmeza que não podia nem descer para o interior nem ser expelido por esforço algum. A passagem de sua respiração ficou obstruída, e ele morreu de modo terrível entre as próprias mãos.

Assim, aquele que quisera, contra o servo de Deus, saciar a concupiscência da carne, pelo justo juízo de Deus perdeu a própria vida carnal antes de poder satisfazer sua gula.

O título inglês de Phipps emprega *rapacious* para o latim *rapax*, termo que pode indicar alguém voraz, ganancioso, predatório ou espoliador. Aqui se optou por “ganancioso e cruel” no título, preservando no corpo do episódio o sentido concreto de apropriação violenta.

Capítulo XI — A conversão do conde Oliba

Na mesma região da Gália havia outro conde, chamado Oliba, sob cuja autoridade se encontrava o mosteiro do abade Guarino.

Esse homem, embora elevado ao mais alto grau do poder terreno, estava oprimido pelo enorme peso de seus pecados. Certo dia foi visitar Romualdo e, enquanto todos os demais aguardavam fora da pequena cela, começou, a sós com aquele que vivia só, a expor seus atos como numa confissão.

Depois de ouvi-lo, o venerável homem respondeu que lhe seria impossível salvar-se se não abandonasse o mundo e não se recolhesse imediatamente a um mosteiro.

O conde ficou profundamente perturbado e disse que os homens espirituais que o aconselhavam e conheciam suas ações jamais haviam pronunciado sentença semelhante, nem lhe haviam imposto coisa tão difícil.

Foram então admitidos os bispos e abades que o acompanhavam. Oliba perguntou-lhes seriamente, diante de todos, se sua situação era de fato tal como o servo de Deus afirmava.

Todos confirmaram a sentença do bem-aventurado Romualdo como se falassem a uma só voz. Desculparam-se por não terem dito antes a mesma coisa ao conde, alegando que o medo os havia impedido.

Oliba mandou-os então sair e prosseguiu em particular sua deliberação com o bem-aventurado Romualdo.

Romualdo aconselhou-o a dirigir-se a Monte Cassino sob o pretexto de peregrinação e oração e, uma vez ali, dedicar-se irrevogavelmente ao serviço de Deus no mosteiro de São Bento.

Capítulo XII — Romualdo deve regressar à Itália

Enquanto isso, Sérgio, pai de Romualdo, havia se tornado monge. Algum tempo depois, porém, vencido pela persuasão do demônio, arrependeu-se da conversão que fizera e procurou voltar ao Egito, isto é, ao mundo.

Os monges da comunidade de São Severo, situada não muito longe da cidade de Ravena, onde Sérgio vivia corporalmente embora já não de coração, trataram de informar imediatamente o bem-aventurado Romualdo por meio de um mensageiro.

Atingido por essa notícia adversa, Romualdo decidiu que o abade Guarino e João Gradenigo deveriam prosseguir com o conde Oliba até sua conversão, enquanto ele próprio deveria correr sem demora em auxílio do pai que perecia.

Quanto ao duque Pedro Orseolo, seu último dia já havia terminado felizmente.

Romualdo confiou então o conde a Guarino e João mediante a promessa de que o guardariam; recomendou-o a ambos, mas especialmente a João, que lhe estava sujeito. Ordenou-lhe sobretudo, em virtude da obediência, que, mesmo se Guarino viesse a partir, jamais se separasse do conde.

Capítulo XIII — Romualdo engana os assassinos e reconduz Sérgio ao bom caminho

Quando os habitantes daquela região souberam que Romualdo decidira partir, ficaram profundamente perturbados e começaram a deliberar entre si sobre como poderiam fazê-lo desistir.

Por fim, julgaram que o meio mais eficaz seria enviar assassinos para matá-lo — piedade ímpia! —, para que, não podendo conservar Romualdo vivo, ao menos possuíssem seu corpo morto como proteção para a região.

Romualdo, porém, tomou conhecimento do plano. Raspou completamente a cabeça e, quando os homens encarregados de matá-lo se aproximaram de sua pequena cela, por volta das primeiras luzes da manhã, começou a comer como se estivesse tomado por voracidade.

Ao vê-lo assim, julgaram que estivesse fora de si. Pensando que sua mente já estivesse ferida, desprezaram a ideia de ferir-lhe o corpo.

Assim, precisamente assim, a prudente loucura do Davi espiritual venceu a estúpida astúcia dos sábios segundo a carne. Impediu-os de pecar e, sem temer a morte, desviou o perigo da morte para o tesouro de seus méritos.

Deixaram-no então partir sem impedimento. Romualdo veio das regiões mais remotas da Gália até Ravena, não levado por cavalo nem transportado por carro, mas trazendo apenas um bastão na mão e caminhando com os pés descalços.

Ali descobriu que seu pai desejava retornar ao mundo. Prendeu-lhe firmemente os pés em cepos de madeira, castigou-o com golpes severos e, por longa disciplina piedosa, submeteu-lhe o corpo, até que, pela cura concedida por Deus, restituiu-lhe a mente a uma disposição saudável.

Capítulo XIV — Sérgio vê o Espírito Santo e morre santamente

Sérgio, tendo finalmente acolhido um conselho de mente sã, corrigiu, caminhando retamente na santa vida religiosa, tudo aquilo que antes fizera de modo errado por causa de sua vontade desviada.

Entre outras práticas, tinha o costume de permanecer frequentemente diante de certa imagem do Salvador e ali rezar com lágrimas particularmente abundantes, ferindo o próprio coração com profunda contrição.

Certo dia, enquanto perseverava atentamente em oração — coisa nova e inaudita em nossos tempos —, o Espírito Santo apareceu-lhe de repente; sob que forma, não sei.

Sérgio perguntou imediatamente quem era. Ele declarou claramente que era o Espírito Santo e, logo depois, como se desaparecesse diante dos olhos que o contemplavam, deixou de ser visto.

Sérgio foi imediatamente arrebatado em êxtase. Inflamado pelo fogo daquele que havia contemplado, começou a correr rapidamente atrás dele pelo claustro do mosteiro e, tomado por enorme fervor, perguntava aos irmãos que ali estavam para onde havia ido o Espírito Santo.

Os monges imaginaram que ele tivesse enlouquecido e o repreenderam asperamente. Sérgio, porém, insistia que sem nenhuma dúvida havia visto o Espírito Santo e que Ele passara visivelmente diante de seus olhos.

Logo em seguida adoeceu, recolheu-se ao leito e, poucos dias depois, terminou a vida — consumação bem-aventurada.

Assim se cumpria aquilo que a voz divina dissera a Moisés: “Nenhum homem me verá e viverá”; e aquilo que Daniel acrescentou ao dizer que não vira o próprio Deus, mas uma visão de Deus: “Desfaleci e fiquei enfermo por muitos dias.”

Com razão, portanto, Sérgio mereceu, depois disso, contemplar a vida eterna, que é Deus, e imediatamente passou da vida temporal.

Capítulo XV — A santificação de João Gradenigo

O conde Oliba deixou seus bens ao filho, com grande abundância de riquezas — quinze animais de carga carregados de tesouros —, e tomou o caminho do mosteiro do bem-aventurado Bento, acompanhado por Guarino, João e também Marino.

Despediu-se daqueles que o haviam acompanhado e que até então nada suspeitavam de sua decisão. Enquanto eles se prostravam entre muitos gemidos e lágrimas amargas, Oliba obrigou-os a regressar para casa.

Pouco depois, Marino partiu para a Apúlia. Ali, vivendo em solidão, foi mais tarde morto por salteadores sarracenos.

Não muito depois, Guarino, acostumado a percorrer diversos lugares por devoção à oração, e João, estimulado pelo exemplo daquele irmão a seguir a mesma prática religiosa, decidiram de comum acordo viajar a Jerusalém.

Ao saber disso, Oliba, triste e chorando, suplicou-lhes com grande insistência que não quebrassem o juramento e não o abandonassem, mas o protegessem no serviço de Deus conforme o bem-aventurado Romualdo havia ordenado.

Acrescentou:

“Tu, ao menos, João, lembra-te de que teu mestre me confiou particularmente a ti mediante juramento e te ameaçou com a culpa da desobediência caso me abandonasses.”

Eles, porém, persistiram obstinadamente em seu propósito. Por fim deixaram Oliba e partiram em peregrinação.

Quando desceram da montanha e chegaram à planície, pararam por algum motivo para manejar entre si parte de sua bagagem. Enquanto faziam isso, o cavalo de Guarino virou-se de repente, contra a vontade do cavaleiro, com movimento impetuoso. A ferradura atingiu a perna de João e a quebrou.

Prostrado imediatamente por causa da violência da dor, João recordou enfim as ordens do mestre e acusou-se publicamente, em palavras de confissão, de ter sido infiel e culpado de desobediência.

Aprendeu, portanto, pela perna quebrada, que era pecado quebrar um juramento. E, porque ele, dotado de razão, não obedecera ao mestre, o animal irracional também não soubera obedecer ao cavaleiro para preservar-lhe a segurança.

João voltou então ao lugar que havia pretendido abandonar e pediu que lhe construíssem uma cela junto ao mosteiro. Ali perseverou na santa vida religiosa enquanto viveu, durante cerca de trinta anos.

Possuía grande caridade, admirável humildade e uma abstinência ao mesmo tempo severíssima e discreta, de tal modo que ninguém, nem mesmo dentro do claustro, sabia como jejuava.

Entre os demais dons recebidos, tinha tão grande aversão ao vício da detração que, assim que alguém abria a boca para falar mal de outra pessoa, a flecha parecia ricochetear numa pedra dura e voltar imediatamente contra aquele que a disparara.

Depois de sua morte, muitos milagres foram realizados por Deus por seu intermédio.

Capítulo XVI — Romualdo traz no corpo a cicatriz de sua luta contra os demônios

Depois de corrigir o pai, Romualdo estabeleceu para si uma pequena cela no pântano de Classe e passou a viver no lugar chamado Ponte de Pedro.

(nota de rodapé: Classe: antiga localidade portuária situada nos arredores de Ravena, no nordeste da Itália. Na Idade Média, a área era marcada por terrenos pantanosos e abrigava o mosteiro de Santo Apolinário em Classe)

Pouco depois, porém, mudou-se para outra propriedade de Classe, onde havia a Igreja do bem-aventurado Martinho chamada São Martinho no Bosque. Não o fez por medo de alguma enfermidade corporal nem por repugnância ao mau cheiro do pântano, mas para que a fraqueza do corpo não lhe servisse de pretexto para abrandar o rigor de sua abstinência.

Certo dia, enquanto cantava as Completas naquele lugar, ocorreu-lhe de repente um pensamento relacionado ao antigo cemitério que ali existia. Como às vezes acontece, aquela cogitação começou a revolver-se repetidamente em sua mente, e um grande horror, produzido por ilusão fantasmagórica, invadiu-lhe o coração.

Eis que espíritos malignos irromperam subitamente em sua cela, lançaram-no ao chão e o subjugaram com tremenda surra, descarregando golpes violentíssimos sobre membros já extenuados por longos jejuns.

Por fim, no meio dos açoites, Romualdo foi visitado pela dispensação da graça Divina e bradou:

“Querido Jesus, amado Jesus, por que me abandonaste? Acaso me entregaste inteiramente nas mãos dos meus inimigos?”

Imediatamente todos os espíritos malignos foram postos em fuga pelo poder divino.

Tamanha compunção de amor divino inflamou então o peito de Romualdo que todo o seu coração se derreteu em lágrimas como cera, e ele já não sentia os muitos ferimentos do corpo espancado.

Levantou-se imediatamente do chão são e vigoroso e, embora ainda coberto de sangue, voltou ao versículo do salmo que havia interrompido.

Quando os demônios entraram, a pequena janela da cela batera-lhe contra a testa. Formou-se ali uma cicatriz visível, que permaneceu como testemunho evidente daquele ferimento durante toda a vida do santo homem.

Capítulo XVII — O demônio volta-se contra os discípulos de Romualdo

Assim, o soldado de Cristo, endurecido pela experiência da guerra, dedicava-se cada dia a avançar de virtude em virtude e, tornando-se sempre mais forte que antes, já nada temia das artimanhas do fraco inimigo.

Muitas vezes, enquanto permanecia em sua cela, espíritos malignos apareciam como corvos imundos ou como abutres, pousando nas proximidades como se tivessem vindo vigiar a carcaça de um animal da qual não ousavam aproximar-se e fossem obrigados a observá-la de longe.

Frequentemente apareciam também sob a forma de etíopes,[1] e outras vezes sob a aparência de diversos animais.

O ilustre campeão de Cristo, triunfante, zombava deles dizendo:

“Eis-me aqui, estou pronto. Vinde e mostrai quanta força há em vós. Acaso já estais enfraquecendo? Já fostes vencidos e não tendes mais artifícios para combater o pequeno servo de Deus?”

Com estas e outras palavras semelhantes, confundia os espíritos malignos e os fazia fugir como se lhes lançasse uma chuva de dardos.

Vendo o demônio que não podia vencer o servo de Deus em sua própria pessoa, voltou-se para artifícios mais astutos. Onde quer que Romualdo fosse, excitava contra ele a malícia no coração de seus discípulos.

Já que não conseguira deter Romualdo por meio do assalto das tentações que lhe agitavam a alma, procurava ao menos impedi-lo de cuidar da salvação alheia; e, visto que de modo algum podia vencê-lo pessoalmente, tentava pelo menos negar aos outros a vitória que alcançariam por seu intermédio.

---

[1]: “Etíopes”: na literatura hagiográfica e ascética antiga e medieval, demônios eram por vezes representados sob a aparência de homens negros ou “etíopes”; trata-se de um motivo tradicional

do imaginário demonológico da época.

Capítulo XVIII — Os irmãos de Bagno entregam-se a excessos diabólicos

Certa vez Romualdo foi ao lugar chamado Bagno, situado no território de Sarsina. Permaneceu ali por tempo considerável, construiu um mosteiro em honra do bem-aventurado arcanjo Miguel e entrou numa cela não distante dele, na qual pretendia viver.

O marquês Hugo enviou-lhe, para suas necessidades, sete libras de dinheiro. Romualdo aceitou-as para poder distribuí-las com santa prodigalidade.

Ao saber que o mosteiro de Palazzolo havia sido destruído por um incêndio, destinou sessenta soldos daquele dinheiro ao socorro dos irmãos e reservou o restante para despesas de obras semelhantes.

Quando os monges de São Miguel souberam disso, inflamaram-se contra ele numa fúria brutal: em parte porque Romualdo já se opusera de muitas maneiras às práticas tortuosas deles, em parte porque não gastava consigo e com eles todo o dinheiro que lhe era oferecido, mas destinava uma parcela a outros.

Formaram então uma conspiração e, como por acordo comum, irromperam na cela armados de paus e varas. Espancaram-no violentamente, destruíram tudo e o expulsaram vergonhosamente de seus limites.

Enquanto Romualdo partia assim expulso, uma grande tristeza penetrou-lhe profundamente a mente. Começou a pensar que, dali em diante, se contentaria em cuidar da própria salvação e abandonaria inteiramente o cuidado pela salvação dos outros.

Mas, assim que concebeu esse pensamento, um grande terror invadiu-lhe o coração: compreendeu que, se persistisse obstinadamente nesse propósito, não deveria duvidar de que pereceria e se tornaria réu diante do juízo divino.

Os monges, por sua vez, satisfeitos por terem finalmente realizado a vingança que tanto desejavam e sentindo-se como que aliviados pela remoção de um pesado fardo, celebraram entre si com grande aplauso o que haviam feito ao servo de Deus e entregaram-se, com alegria desenfreada, a divertimentos e festejos imoderados.

E, como que para celebrar solenemente tamanho júbilo, prepararam para si um suntuoso banquete. Era inverno — estação que correspondia não apenas ao tempo do ano, mas também, muito apropriadamente, à frieza de suas almas.

Um deles, que se mostrara particularmente cruel contra o bem-aventurado soldado de Cristo, foi buscar mel para preparar hidromel para o banquete. Ao atravessar o rio Savio, tropeçou subitamente nas tábuas da ponte e caiu. Tragado pelas águas profundas, foi arrastado ao fundo e morreu.

Pelo justo juízo de Deus, a água turbulenta saciou até a morte aquele que, quando deveria ter chorado, buscara avidamente a doçura do mel e perseguira os prazeres da vida.

Durante a noite, quando todos repousavam como de costume, caiu enorme quantidade de neve. Subitamente, toda a estrutura do edifício comum desabou sobre eles.

A cabeça de um foi esmagada, os braços de outro, as pernas de outro ainda, ou alguma outra parte do corpo. A um deles foi arrancado um olho; e com razão carregou no corpo a divisão da luz aquele que, dividido contra o próximo, perdera uma das luzes da dupla caridade, embora conservasse a outra.

Capítulo XIX — São Apolinário ordena a Romualdo que retorne a Santo Apolinário

Em outra ocasião, o santo homem permaneceu não longe de Cátria.

Depois de passar ali algum tempo, o bem-aventurado Apolinário apareceu-lhe claramente e ordenou-lhe, com grande autoridade, que se dirigisse ao seu mosteiro de Santo Apolinário e passasse a viver ali.

Romualdo não julgou que semelhante ordem pudesse ser desprezada. Abandonou sem hesitação o lugar em que vivia e apressou-se com diligência para onde havia sido enviado.

Capítulo XX — Romualdo torna-se verde no pântano de Comacchio

Em outra ocasião, o venerável homem permaneceu recluso no pântano de Comacchio, chamado Auregário.

Mais tarde saiu dali inteiramente inchado e sem pelos, por causa do excessivo mau cheiro do lodo e do ar corrompido do pântano, de tal modo que sua aparência já não era a mesma de quando entrara.

Sua própria carne tornara-se tão completamente verde que quase não se distinguia da cor de um tritão.[1]

---

[1]: Phipps traduz aqui o termo por *newt*, isto é, um pequeno anfíbio urodelo semelhante à salamandra. “Tritão” preserva melhor essa precisão zoológica do que “salamandra”, embora seja menos corrente em português.

Capítulo XXI — A oração de Romualdo extingue o incêndio de sua cela

Em outra ocasião, Romualdo viveu na ilha chamada Pereo, situada a cerca de doze milhas da cidade de Ravena.

Enquanto permanecia ali numa cela com certo venerável homem, seu discípulo Guilherme, as paredes estreitas da pequena morada subitamente pegaram fogo. As chamas ergueram-se e, já liberando toda a sua força, começaram a dominar também o teto.

O santo homem recorreu imediatamente ao refúgio de sua defesa habitual. Não procurou arrastar para fora aquilo que guardava na cela; não começou, como se costuma fazer, a arrancar as telhas do teto; não lançou grande quantidade de água, nem se agitou em esforço algum para apagar as chamas.

Limitou-se a derramar sua oração diante de Deus, e o poder divino extinguiu rapidamente as chamas crepitantes.

Capítulo XXII — O imperador Otão III obriga Romualdo a aceitar a abadia de Santo Apolinário

Naquele mesmo tempo, o jovem imperador Otão desejava prover a abadia de Classe. Deu aos irmãos liberdade de escolha, para que elegessem quem quisessem. Todos, imediatamente e por unanimidade, pediram Romualdo.

O imperador, sem saber se seria possível chamar o bem-aventurado homem à corte por meio de um mensageiro, decidiu ir pessoalmente até ele.

O sol já se punha quando chegou à cela. Romualdo, por ter recebido tão grande hóspede numa casa tão pequena, julgou conveniente oferecer-lhe o próprio leito para repousar. O rei, porém, recusou a cobertura, porque a considerou excessivamente áspera.

Ao amanhecer, o rei levou Romualdo consigo ao palácio e, depois de algum tempo, começou a pressioná-lo com muitas súplicas para que aceitasse a abadia.

Romualdo resistiu e recusou inteiramente dar assentimento ao pedido imperial. O rei, porém, ameaçou-o com excomunhão e anátema por parte de todos os bispos e arcebispos reunidos num concílio sinodal. Por fim, diante de tamanha coerção, Romualdo cedeu e aceitou o governo das almas.

Costumava dizer, entretanto, que aquilo não lhe parecera novidade alguma, pois lhe havia sido revelado por Deus cinco anos antes.

Passou então a governar os monges sob severa disciplina, segundo a Regra, e não permitia que ninguém se afastasse dela sem correção. Nem o nobre nem o homem instruído nas letras ousava desviar-se para a direita ou para a esquerda por atos ilícitos, nem afastar-se da retidão da vida religiosa.

O santo homem mantinha os olhos do coração fixos no Céu e, como em todas as coisas se submetia a Deus, não temia desagradar aos homens.

Os irmãos perceberam tarde demais quem haviam pedido para ser colocado à sua frente. Começaram a culpar a si mesmos por terem solicitado sua eleição; depois passaram a feri-lo com murmurações e detrações e a atormentá-lo com os duros espinhos das discórdias.

Capítulo XXIII — Romualdo renuncia à abadia e pacifica a cidade rebelde de Tívoli

Vendo Romualdo que sua própria perfeição era em alguma medida prejudicada e que os costumes dos monges se tornavam cada vez piores, apresentou-se resolutamente diante do rei.

Embora o imperador, juntamente com o arcebispo de Ravena, oferecesse forte resistência, Romualdo lançou o báculo diante dos dois e abandonou o mosteiro.

Naquele tempo, o rei sitiava a cidade de Tívoli. Os habitantes haviam matado seu ilustre duque, chamado Mazolino, tomado as armas e expulsado o próprio imperador de dentro de suas muralhas.

Não há dúvida de que o bem-aventurado Romualdo foi enviado até ali pela providência divina e que, por sua chegada, afastou com a restauração da paz o perigo que ameaçava tantas almas.

Ficou acordado entre as partes que os habitantes de Tívoli demoliriam uma parte de suas muralhas em honra do rei, entregariam reféns e colocariam acorrentado nas mãos da mãe do duque o assassino de seu filho.

A mulher, abrandada pelas muitas preces do santo homem a Deus, perdoou o crime do homicida depois que ele foi severamente açoitado e permitiu que regressasse ileso para casa.

Capítulo XXIV — Romualdo aconselha o futuro São Venério

O venerável homem produziu ainda em Tívoli outro fruto de suas boas obras que, a meu ver, não deve ser passado em silêncio.

Certo bem-aventurado homem chamado Venério começara a viver num mosteiro. Era tão grande sua humildade e simplicidade que todos os irmãos o desprezavam e zombavam dele, julgando-o perturbado e até insano.

Uns o espancavam; outros o encharcavam com a água suja usada para lavar as bacias; outros ainda o dilaceravam com insultos em diversas altercações.

Considerando impossível conservar a mente em tranquilidade no meio de tantas adversidades, Venério abandonou a comunidade e refugiou-se na solidão. Ali perseverou durante seis anos, sem vinho nem alimento cozido, numa austeridade extremamente severa.

Perguntaram-lhe certa vez sob o governo de quem vivia, ou ao juízo de quem submetia sua vida religiosa. Respondeu que, livre do comando de qualquer outro, seguia aquilo que lhe parecia mais conveniente.

Romualdo lhe disse:

“Se carregas a cruz de Cristo, acima de tudo não deves abandonar a obediência de Cristo. Vai, portanto; recebe o consentimento de teu próprio abade, depois volta e vive humildemente sob sua jurisdição. Pois o edifício da obra santa, que a boa vontade constrói, a humildade eleva e a virtude da obediência conduz às alturas.”

Com estas e muitas outras admoestações edificantes, ensinou-lhe como resistir aos pensamentos e como repelir os assaltos dos espíritos malignos. Depois o deixou, fortalecido e instruído, cheio de grande alegria.

Venério acolheu agradecido as instruções do santo homem, dirigiu-se imediatamente ao abade, recebeu sua autorização e retornou sem demora à solidão que amava.

Desejando viver numa propriedade pertencente ao mosteiro, subiu a certa rocha inacessível por qualquer caminho humano e inteiramente afastada da convivência dos homens.

Ali viveu sozinho durante quatro anos, privado de todo auxílio humano. À exceção de três pequenos pães que levara do mosteiro, não comeu pão, não bebeu vinho e não provou alimento cozido; vivia apenas dos frutos das árvores e das raízes das plantas.

Naquela mesma rocha havia uma cavidade em que se acumulava água durante o inverno; dessa água o santo homem se servia ao longo de todo o verão.

Com o tempo, tornou-se conhecido que um servo de Deus vivia ali. Muitos começaram a procurá-lo, levando alimentos e tudo aquilo que julgavam necessário. Ele, porém, nada necessitava e distribuía tudo aos pastores de gado e aos demais necessitados.

Por sua insistência, o bispo do lugar permitiu que se construísse e consagrasse ali uma pequena Igreja.

Nessa Igreja, algum tempo depois, Venério morreu. Alguns homens que o procuravam encontraram-no inclinado diante do altar como se estivesse em oração, apoiado sobre os cotovelos e os joelhos.

Muitos foram os sinais e milagres que o Senhor se dignou realizar ali por seu intermédio.

Assim, em suma, a boa terra devolveu fruto abundante depois de ter recebido da boca de Romualdo a semente da palavra.

Capítulo XXV — Romualdo converte Tammus à vida monástica e recebe a promessa de conversão de Otão

Ainda na cidade de Tívoli, o bem-aventurado homem converteu certo alemão chamado Tammus, que era tão íntimo e querido do rei que se dizia que um vestia as roupas do outro e que, durante as refeições, as mãos de ambos frequentemente se encontravam no mesmo prato.

O senador romano Crescêncio incorrera na ira do rei e refugiara-se na fortaleza chamada Santo Ângelo. Como suas defesas eram inexpugnáveis, preparou-se com confiança para resistir ao cerco imperial.

Por ordem do rei, Tammus garantiu-lhe sob juramento um salvo-conduto. Crescêncio, enganado por essa promessa, acabou sofrendo a pena capital, como acusado de alta traição, sob pressão do papa, que era seu inimigo. Depois disso, o imperador tomou a esposa de Crescêncio como concubina.

Como Tammus era considerado cúmplice do engano e culpado de perjúrio, Romualdo ordenou-lhe por essa razão que abandonasse o mundo. Tammus pediu imediatamente licença ao rei; não apenas a obteve com facilidade, como se apressou com grande entusiasmo a cumprir a decisão.

O imperador era, com efeito, muito favorável à ordem monástica e tinha grandíssima afeição pelos servos de Deus.

Ele próprio confessou ao bem-aventurado Romualdo sua participação no mesmo crime. Como penitência, saiu descalço da cidade de Roma e continuou assim até o Monte Gargano, até a Igreja de São Miguel.

Passou também toda a Quaresma no mosteiro do bem-aventurado Apolinário em Classe, acompanhado de poucos membros de sua comitiva. Ali se dedicava, tanto quanto podia, ao jejum e à salmodia. Sob a púrpura dourada trazia um cilício diretamente sobre a carne; e, embora cobertas

brilhantes fossem estendidas sobre seu leito, mortificava os delicados membros do corpo sobre uma esteira de juncos.

Prometeu então ao bem-aventurado Romualdo que renunciaria ao império e receberia o hábito monástico. Aquele a quem incontáveis homens obedeciam, submetendo-se agora ao pobre Cristo, tornava-se ele próprio devedor de Cristo.

Capítulo XXVI — Romualdo conduz seus convertidos de Monte Cassino a Pereo

Romualdo, portanto, acompanhado daquele Tammus de quem falamos, do celebérrimo Bonifácio, isto é, Bruno de Querfurt,[^bruno-bonifacio] que agora a Igreja se gloria de possuir como felicíssimo mártir, e de outros convertidos alemães, partiu de Tívoli para o mosteiro de São Bento situado em Monte Cassino.

Ali Romualdo adoeceu gravemente, mas pela misericórdia divina recuperou-se rapidamente.

Possuía também um excelente cavalo, que lhe fora dado pelo filho do rei eslavo Boleslau, a quem ele havia feito monge. Movido pelo zelo da humildade, o santo homem trocou o cavalo e, como excelente negociante das coisas espirituais, recebeu em seu lugar um jumento.

Desejando ardentemente imitar nosso Redentor, que se sentara sobre o dorso de um pequeno jumento, o venerável homem cavalgava de boa vontade até mesmo esse animal.

Com todos os que foram mencionados acima, Romualdo retornou então a Pereo, onde já havia vivido anteriormente.

Ali reuniu estes e muitos outros irmãos e os estabeleceu em celas separadas. Conservou com tamanho fervor, em si mesmo e nos demais, o rigor da vida eremítica que todos aqueles a quem chegava a fama de sua maneira de viver ficavam maravilhados.

Quem não se admiraria, quem não atribuiria tal mudança à destra divina, ao ver homens que antes vestiam sedas, ou mesmo vestes douradas, agora reunidos em fileiras obedientes; homens acostumados à abundância de todos os luxos, contentes agora com uma única cogula, reclusos, descalços, desgrenhados e consumidos por tão abrasadora abstinência?

Todos, além disso, trabalhavam com as próprias mãos: alguns fabricavam colheres, outros fiavam, outros teciam redes.

Fim do Capítulo XXVI.

(nota de rodapé) [^bruno-bonifacio]: Bruno de Querfurt adotou o nome religioso Bonifácio. Pedro Damião o chama normalmente de Bonifácio no corpo da *Vita*, enquanto a tradição historiográfica moderna costuma chamá-lo Bruno de Querfurt.

Capítulo XXVII — Bruno é martirizado entre os prussianos

A vida religiosa de todos os demais irmãos de Pereo era largamente superada pela do bem-aventurado Bonifácio.

Ele era parente de sangue do rei e tão querido por ele que o soberano costumava chamá-lo simplesmente de “minha alma”.

Fora instruído até grau elevado nas artes liberais e era particularmente estimado por seu conhecimento das proporções da música.

Quando ainda vivia na capela real e viu uma Igreja dedicada ao antigo mártir Bonifácio, inflamou-se imediatamente no desejo do martírio, seguindo o exemplo daquele de quem recebera o nome, e disse:

“Também eu me chamo Bonifácio. Por que, então, não deveria eu também tornar-me mártir de Cristo?”

Depois de se tornar monge, entregou-se a abstinência tão rigorosa que frequentemente comia, durante toda a semana, apenas aos domingos e quintas-feiras.

Não raras vezes, ao encontrar moitas de urtigas ardentes ou mesmo espinheiros, lançava-se sobre eles e revolvia-se ali.

Certo irmão o repreendeu uma vez:

“Hipócrita! Por que fazes isso na presença de todos, para conquistar louvor na boca do povo?”

Bonifácio não respondeu senão isto:

“Sejam para ti os confessores; quanto a mim, escolho os mártires.” (nota de rodapé: Confessores: na terminologia hagiográfica cristã, santos que deram testemunho da fé e alcançaram a santidade sem sofrer a morte pelo martírio. Aqui Bruno contrapõe deliberadamente a condição de confessor à de mártir, manifestando sua aspiração ao martírio.)

Depois de longo tempo na vida eremítica, decidiu partir para pregar. Dirigiu-se primeiro a Roma e recebeu da Sé Apostólica a consagração arquiepiscopal.

Certo monge idoso, que o acompanhara desde a região de Ravena, contou-me que, durante toda a viagem, o venerável homem e todos os que o seguiam caminhavam a pé; ele próprio, salmodiando sem cessar e avançando muito à frente dos demais, caminhava sempre descalço.

Por causa do esforço da viagem, comia um pouco todos os dias, mas passava os dias inteiros apenas com pão comum e água. Nas festas, desconhecendo todo tipo de molho ou condimento, acrescentava à refeição diária alguma fruta ou raiz.

Depois de sua consagração, observava diariamente, na celebração das horas, tanto o ofício monástico quanto o dos cônegos.

Quando partiu para as regiões além dos Alpes, viajava de fato a cavalo; mas o venerável bispo, segundo se conta, suportava o frio intolerável daquela região geladíssima mantendo sempre descobertas as pernas e as plantas dos pés. Quando desejava desmontar, mal conseguia desprender o pé do ferro ao qual se colara pelo frio, a não ser que fosse aquecido com água morna.

Chegando finalmente entre os pagãos, começou a pregar com tamanha perseverança, saindo as palavras de seu peito inflamado, que ninguém podia duvidar de que aquele santo homem buscava o martírio.

Eles, porém, temiam que, assim como depois do martírio do bem-aventurado Adalberto muitos eslavos haviam se convertido mediante sinais luminosos e milagres, o mesmo acontecesse entre eles. Por isso, durante longo tempo contiveram as mãos e, engenhosos em sua malícia, poupavam cruelmente aquele homem que ardia pelo desejo de morrer.

Bonifácio chegou à presença do rei dos russos e continuou a pregar com grande vigor e firmeza.

Vendo-o vestido de roupas miseráveis e caminhando descalço, o rei imaginou que ele pregasse não por causa da religião, mas com a intenção de conseguir dinheiro. Prometeu-lhe, portanto, que, se abandonasse aquela vã aparência, ele próprio enriqueceria sua pobreza com abundantes riquezas.

Bonifácio retirou-se imediatamente para a hospedaria, revestiu-se com os mais preciosos ornamentos pontificais e voltou a apresentar-se no palácio.

Quando o rei o viu tão esplendidamente vestido, disse:

“Agora sabemos que não é a pobreza que te impele a esse ensinamento inútil, mas a ignorância da verdade.”

E acrescentou:

“Se existe realmente poder naquilo que declaras que devemos crer, levantem-se dois altos montes de madeira, separados por um espaço muito estreito. Acenda-se fogo por baixo deles; quando estiverem tão ardentes que as duas fogueiras pareçam uma só, passa pelo meio. Se fores atingido pelas chamas de qualquer dos lados, nós te entregaremos ao fogo para que sejas consumido. Mas, se passares ileso — coisa em que não podemos acreditar —, todos nós creremos em teu Deus sem dificuldade.”

Estabelecido esse acordo diante do rei e de todos os pagãos presentes, Bonifácio, vestido como para celebrar os sagrados mistérios da Missa, primeiro rodeou o fogo de todos os lados, aspergindo água benta e oferecendo incenso.

Depois entrou entre as chamas crepitantes.

Saiu tão completamente ileso que nem sequer o menor cabelo de sua cabeça parecia queimado.

Então o rei e todos os que haviam presenciado o espetáculo lançaram-se em multidão aos pés do bem-aventurado homem. Pediram perdão entre lágrimas e suplicaram com a maior insistência que fossem batizados.

Começou a acorrer ao batismo tamanha multidão de pagãos que o santo homem dirigiu-se a um grande lago e, naquela abundância de água, batizou todo o povo.

O rei decidiu então entregar o reino ao filho e, durante todo o restante de sua vida, jamais se separar de Bonifácio.

O irmão do rei, que vivia com ele, recusou-se a crer e foi morto pelo próprio rei durante a ausência de Bonifácio.

Outro irmão, que já não vivia com o rei, inflamou-se de grande ira contra Bonifácio por causa da conversão do irmão. Assim que o venerável homem chegou à sua presença, recusou-se a ouvir-lhe as palavras e imediatamente o prendeu.

Temendo que, se o mantivesse vivo, o rei viesse libertá-lo de suas mãos, ordenou que Bonifácio fosse decapitado diante de seus próprios olhos, na presença de grande multidão.

No mesmo instante, aquele homem foi atingido pela cegueira e tamanho estupor caiu sobre ele e sobre todos os presentes que já não podiam falar nem exercer qualquer função humana: ficaram imóveis e rígidos como pedras.

Quando o rei recebeu a notícia, foi tomado de profunda dor e pensou em matar não apenas o irmão, mas também todos os cúmplices de tão grande crime.

Chegando ao lugar, porém, viu o irmão e os demais homens inteiramente insensíveis e imóveis, enquanto o corpo do mártir ainda permanecia entre eles. Estabeleceu então com os seus este acordo: primeiro rezariam por aqueles homens, para ver se a misericórdia divina lhes restituiria os sentidos perdidos; depois, se aceitassem crer, viveriam e seu crime seria perdoado; se não, todos morreriam pela espada da vingança.

Depois de longa oração do rei e dos demais cristãos, os homens não apenas recuperaram os sentidos, mas receberam também a sabedoria necessária para buscar a verdadeira saúde.

Imediatamente pediram entre lágrimas penitência pelo crime, receberam com grande fervor os sacramentos do batismo e construíram uma Igreja sobre o corpo do bem-aventurado mártir.

Se eu tentasse narrar todos os dons de poder que com verdade se contam desse homem admirável, talvez minha língua viesse a faltar; matéria para narrar, porém, não faltaria.

Embora a virtude de Bonifácio mereça uma obra própria, devemos recordá-lo aqui, com especial honra, entre os demais discípulos de Romualdo, para que, louvando-os, mostremos quão grande foi seu glorioso mestre. Pela excelência dos discípulos que ressoa aos ouvidos dos fiéis, conheça-se, pela escola que formou, quão sublime foi o mestre.

Capítulo XXVIII — João e Bento, vindos de Pereo, são martirizados na Polônia

Enquanto Romualdo vivia em Pereo, o rei Boleslau enviou ao imperador súplicas para que lhe mandasse homens espirituais capazes de chamar à fé o povo de seu reino.

O imperador foi então procurar Romualdo e pediu-lhe que concedesse alguns de seus monges para serem enviados àquelas terras.

Romualdo não quis ordenar a nenhum deles que partisse, como se exercesse autoridade de prelado. Confiando na devoção dos irmãos, deixou a todos a liberdade de ficar ou partir. Em matéria tão terrível, não conhecia a vontade de Deus e por isso preferiu confiá-la à decisão dos irmãos, e não à sua própria.

Quando o rei lhes pediu e suplicou humildemente, apenas dois se ofereceram espontaneamente para partir. Um chamava-se João, o outro Bento.

Foram então até Boleslau e começaram por viver num eremitério, sustentados por ele. Para que mais tarde pudessem pregar, dedicaram-se com grande esforço a aprender a língua eslava.

No sétimo ano, quando já conheciam perfeitamente a língua da região, enviaram um monge à cidade de Roma para pedir ao bispo da Sé suprema autorização para pregar.

Encarregaram também o mensageiro de trazer consigo outros irmãos do bem-aventurado Romualdo que, instruídos na vida eremítica, pudessem viver com eles na região eslava.

Boleslau desejava receber da autoridade romana a coroa de seu reino. Pediu insistentemente àqueles veneráveis homens que levassem ao papa muitos presentes e lhe trouxessem de volta uma coroa concedida pela Sé Apostólica.

Eles recusaram terminantemente o pedido real, dizendo:

“Nosso lugar é numa ordem santa. Não nos é permitido envolver-nos em negócios seculares.”

Deixaram então o rei e regressaram à cela.

Alguns homens, contudo, conheciam o plano do rei, mas ignoravam a resposta dos santos. Imaginaram que João e Bento tivessem levado para a pequena cela grande quantidade de ouro destinada ao papa.

Combinaram, portanto, que durante a noite entrariam secretamente no eremitério, matariam os monges e roubariam o dinheiro.

Quando os bem-aventurados perceberam que homens tentavam arrombar a entrada e compreenderam imediatamente a razão de sua vinda, começaram a confessar-se mutuamente e a fortalecer-se com o sinal da santa Cruz.

Havia ali também dois jovens que lhes haviam sido confiados pela corte real para servi-los. Eles se colocaram firmemente diante dos santos e procuraram resistir aos ladrões com todas as forças.

Os invasores, vendo descoberto o ataque, forçaram a entrada com as espadas desembainhadas e mataram indistintamente a todos.

Depois procuraram ansiosamente o tesouro. Revolveram tudo e, não encontrando coisa alguma, tentaram incendiar a cela e queimar os próprios corpos dos mártires, a fim de ocultar o enorme crime e fazer com que os homens atribuíssem a morte não às armas, mas às chamas.

Quando, porém, atearam fogo, este perdeu sua força natural. Por mais que tentassem, nada podia consumir. As próprias paredes repeliam as chamas como se, em vez de madeira, fossem feitas das pedras mais duras.

Frustrados, os ladrões procuraram então fugir, mas a providência divina lhes negou também essa possibilidade.

Durante toda a noite vaguearam apavorados, procurando caminho entre moitas da floresta, grandes campos e bosques sombrios. Seus passos, porém, desviavam-se sem direção e não conseguiam encontrar saída alguma.

Nem sequer podiam recolocar as adagas nas bainhas, porque seus braços haviam ficado ressequidos e imóveis.

No lugar em que jaziam os corpos dos santos, uma luz abundante resplandecia e continuou a tornar-se mais intensa até o amanhecer. E não cessava de ressoar um dulcíssimo e suavíssimo canto de anjos.

Chegado o dia, o ocorrido já não pôde permanecer oculto ao rei. Ele correu ao eremitério acompanhado por incontável multidão e, para impedir a fuga dos assassinos, formou um círculo de homens ao redor de toda a floresta.

Por fim, os criminosos foram capturados, manifestamente culpados e, por vingança divina, ainda presos às próprias espadas.

O rei ponderou cuidadosamente o que deveria fazer. Decidiu que não os mandaria matar, como mereciam, mas que os prenderia com grilhões de ferro aos sepulcros dos mártires. Ali poderiam viver miseravelmente acorrentados até a morte; ou, se os santos mártires julgassem de outro modo, poderiam eles próprios libertá-los por misericórdia.

Por ordem do rei, os criminosos foram arrastados até os túmulos dos santos. Imediatamente, pela inefável onipotência divina, seus grilhões se romperam e eles foram libertados.

Depois disso foi construída uma capela sobre os corpos dos santos, e incontáveis são os prodígios que o poder divino realizou ali, não apenas naquele tempo, mas até hoje.

Capítulo XXIX — O mensageiro de João e Bento é preso, mas libertado por um anjo

O imperador Henrique não ignorava os planos de Boleslau e ordenou que as estradas fossem vigiadas em toda parte, para que, se o rei enviasse mensageiros a Roma, eles caíssem imediatamente em suas mãos.

Assim, o monge que pouco antes fora enviado pelos santos mártires acabou capturado e lançado na prisão.

Durante a noite, porém, um anjo do Senhor visitou-o no cárcere e informou-lhe que aqueles cuja missão ele cumpria haviam sido mortos.

Imediatamente a prisão se abriu por intervenção divina, e o anjo anunciou-lhe que encontraria uma embarcação preparada no rio que teria de atravessar.

O monge correu até ali e comprovou que o anjo que lhe fizera a promessa havia falado a verdade.

Capítulo XXX — Constrói-se um mosteiro em honra de Santo Adalberto, e Romualdo prediz a morte de Otão III

Enquanto Romualdo ainda permanecia em Pereo, o imperador Otão, por sugestão dele, construiu ali um mosteiro em honra de Santo Adalberto e lhe anexou propriedades contíguas pertencentes à comunidade de Classe. Compensou esta última com propriedades reais situadas na Marca de Fermo.

Um dos discípulos de Romualdo foi constituído abade e reuniu-se ali uma comunidade de irmãos.

Romualdo começou a mantê-los sob rigorosa vigilância e ensinou-os a viver segundo a disciplina regular. Ordenou também ao abade que se retirasse para o eremitério e permanecesse ali durante toda a semana, vindo ao mosteiro aos domingos para visitar os irmãos.

O abade desprezou as ordens do santo homem e começou a viver segundo o mundo. Uma vez que o pé de sua conduta começou a escorregar do caminho da retidão, passou a desviar-se cada vez mais.

Quando Romualdo percebeu que não podia trabalhar ali conforme o ardor de sua vontade, dirigiu-se imediatamente ao rei e, como quem cobra uma promessa devida, começou a insistir energicamente para que Otão se tornasse monge.

O rei afirmou que faria aquilo que lhe era pedido, contanto que pudesse primeiro atacar Roma, que se rebelara contra ele, e, depois de vencê-la, regressar vitorioso a Ravena.

Romualdo respondeu:

“Se fores a Roma, não tornarás a ver Ravena.”

Advertiu-o assim, com toda clareza, de que a morte se aproximava. Como não conseguia fazê-lo desistir e estava certo da ruína do rei que se apressava rumo a Roma, Romualdo embarcou num navio e atravessou o mar até a cidade de Parenzo.

E o rei, conforme a profecia do bem-aventurado homem, mal começara a regressar de Roma quando foi acometido por uma enfermidade e morreu em Paterno.

Capítulo XXXI — Em Parenzo, Romualdo recebe o dom da compreensão e das lágrimas

Romualdo viveu durante três anos no território da cidade de Parenzo. Em um deles construiu um mosteiro; nos outros dois permaneceu recluso.

Ali a bondade divina conduziu-o ao cume de tão grande perfeição que, inspirado pelo Espírito Santo, não apenas previu numerosos acontecimentos futuros, mas também penetrou, pelos raios da compreensão espiritual, muitos dos profundos mistérios do Antigo e do Novo Testamento.

Certa vez, procurava constranger-se a chorar, mas por esforço algum conseguia chegar à compunção de um coração contrito.

Aconteceu, porém, que certo dia, enquanto cantava em sua pequena cela, chegou a este versículo do salmo:

“Dar-te-ei entendimento e te instruirei no caminho por onde deves andar; fixarei sobre ti os meus olhos.”

Então brotou dele tamanha efusão de lágrimas, e sua mente foi tão iluminada para compreender o sentido da divina Escritura, que a partir daquele dia e enquanto viveu, sempre que quisesse, lágrimas abundantes lhe corriam com grande facilidade; e a maior parte dos segredos místicos das Escrituras já não permanecia oculta para ele.

A contemplação de Deus frequentemente o arrebatava de tal maneira que parecia dissolver-se inteiramente em lágrimas. Agitado pelo ardor inabalável do amor divino, exclamava:

“Querido, querido Jesus, meu doce mel, desejo inexprimível, doçura dos santos, deleite dos anjos!”

E dizia ainda outras coisas semelhantes. Aquilo que proferia nesse cântico de júbilo, composto pelo Espírito Santo, não podemos exprimir em palavras humanas. Pois, como diz o Apóstolo: “Não sabemos rezar como convém, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis.”

Por isso Romualdo jamais celebrava a Missa diante de uma multidão muito grande, pois não conseguia conter as torrentes de lágrimas.

Também por essa razão, sendo homem de coração simples e julgando que a graça que Deus lhe concedera tivesse sido dada igualmente a todos, costumava dizer aos discípulos:

“Cuidai de não derramar lágrimas demais, porque elas prejudicam a vista e ferem a cabeça.”

Onde quer que decidisse habitar, o santo homem preparava primeiro, dentro de uma pequena cela, um oratório com altar; depois encerrava-se ali, vedando o acesso.

Capítulo XXXII — Romualdo profetiza

Certa vez, os irmãos que viviam no ermo chamado Biforco enviaram mensageiros a Romualdo para pedir-lhe conselho sobre como deveriam conduzir-se no eremitério e de que modo poderiam resistir aos assaltos do demônio.

Quando os mensageiros chegaram ao mosteiro, ainda a grande distância da cela de Romualdo, o venerável homem soube imediatamente, pelo Espírito, que haviam chegado.

Ordenou ao abade Anso, que então o assistia:

“Vai e prepara alimento cozido para os irmãos que vieram de longe.”

Anso começou imediatamente a zombar dele, dizendo que era na verdade um falso profeta.

Quando, porém, depois se dirigiu ao mosteiro, como fora obrigado a fazer, encontrou já rezando na igreja exatamente aqueles cuja chegada o santo homem havia predito.

Romualdo temperou-os abundantemente com o sal da doutrina salutar, instruiu-os nas muitas armas das virtudes contra as astúcias do antigo inimigo e, depois de ensiná-los diligentemente em todas essas coisas, enviou-os de volta ao eremitério cheios de grande fervor.

Capítulo XXXIII — A oração de Romualdo salva marinheiros durante uma tempestade

Em outra ocasião, aqueles mesmos irmãos enviaram novamente mensageiros a Romualdo, pedindo com ainda maior solicitude conselho sobre a mesma questão.

O venerável homem lhes disse:

“Escreverei agora um pequeno livro sobre os ataques dos demônios e vo-lo darei quando regressardes; ou talvez eu mesmo vá convosco.”

Ao ouvirem isso, lançaram-se imediatamente com o rosto por terra e suplicaram com grande insistência que se dignasse acompanhá-los.

No segundo dia, Romualdo declarou sem hesitação que realmente iria com eles e ordenou que procurassem um navio.

Quando o bispo de Parenzo soube disso, foi tomado de grande tristeza. Ao encontrar os monges correndo de um lado para o outro por causa da embarcação, cobriu-os de muitos insultos injustos.

Publicou ainda um édito dirigido a todos os que permaneciam no porto: quem ousasse fornecer um navio a Romualdo e partir com ele faria uma viagem sem retorno e nunca mais voltaria a Parenzo.

Enviou-se então apressadamente um mensageiro ao bispo de Pola, pedindo que mandasse sem demora uma embarcação ao bem-aventurado homem. Aquele bispo, com efeito, havia muitas vezes exortado Romualdo a não permanecer escondido numa reclusão tão obscura, mas a dirigir-se a um lugar onde pudesse conquistar almas em maior abundância; não deveria brilhar apenas para si como brasa escondida, mas derramar sobre todos os que estavam na casa de Deus os raios de sua luz, como lâmpada colocada sobre o candelabro.

Enquanto esperavam o mensageiro, Romualdo disse aos irmãos:

“Ficai sabendo sem nenhuma dúvida que aquele irmão chegará tarde e que teremos de partir em outro navio antes de seu regresso.”

Quando chegou o santo dia do Senhor, nas primeiras luzes da aurora, disse a certo irmão que o assistia, chamado Engelberto, mais tarde constituído arcebispo entre os pagãos:

“Olha bem para o mar e verás dois navios, ainda muito distantes, vindo em nossa direção com igual velocidade. Um deles certamente deverá levar-nos.”

Engelberto esforçou a vista e examinou atentamente tudo, mas não conseguiu perceber sinal algum de embarcação.

À medida, porém, que o dia clareava, viu finalmente ao longe dois navios aproximando-se; por causa da enorme distância, pareciam apenas duas aves sobre o mar.

Quando entraram enfim no porto, perguntou-se aos remadores se aceitariam Romualdo em sua embarcação. Eles se encheram imediatamente de alegria, colocaram a si mesmos e tudo o que possuíam à disposição do santo e declararam que se considerariam bem-aventurados por carregar pérola tão preciosa.

Não quiseram, contudo, partir naquele dia, porque temiam o aspecto ameaçador do céu. Romualdo os exortou a iniciar imediatamente a viagem, confiando na graça divina, e prometeu que nenhum perigo lhes aconteceria. Eles, porém, permaneceram ali durante todo o dia e só começaram a navegar à noite.

Ao amanhecer, os ventos enfureceram-se de repente, levantou-se uma tempestade e o mar pareceu revolver-se desde o fundo.

Violentas rajadas lançavam-se de todos os lados sobre os marinheiros, fazendo o navio oscilar de um lado para o outro e quase desprendendo todas as tábuas.

Podia-se ver alguns homens despindo-se para nadar, outros amarrando-se a diferentes partes do navio, outros ainda agarrando remos ou pedaços firmes de madeira para poder flutuar sobre as ondas.

Em perigo tão extremo, quando todos já desesperavam e não duvidavam de que o naufrágio fosse iminente, Romualdo recorreu à sua arma habitual: a oração.

Afastou um pouco da cabeça a cobertura, inclinou-a sobre o peito e, em silêncio, derramou preces ao Senhor.

Depois disse ao abade Anso, que se encontrava perto dele:

“Dize aos marinheiros que não tenham medo algum. Saibam todos, sem nenhuma dúvida, que sairão daqui ilesos.”

Mal passara um instante e, contra toda esperança, o navio começou a dirigir-se por si mesmo, sem esforço humano. Foi rapidamente levado até o porto da cidade de Caorle.

Todos deram então as devidas graças a Deus libertador e confessaram que haviam sido manifestamente arrancados das garras da morte pelos méritos de Romualdo.

Capítulo XXXIV — Romualdo procura reformar Biforco

Romualdo chegou então a Biforco.

Depois de examinar as celas de todos os irmãos, recusou-se a hospedar-se em qualquer delas, exceto na de seu venerável discípulo Pedro, porque as outras lhe pareciam ostentosas e excessivamente confortáveis.

Pedro era homem de admirável abstinência e extrema austeridade. Seguindo o exemplo de Santo Hilarião, mandara construir para si uma pequena cela de não mais que cerca de quatro côvados.

Esse mesmo venerável homem costumava contar mais tarde que, enquanto Romualdo permanecia com ele, os dois alternavam entre si os salmos, cada qual continuando os versículos recitados pelo outro.

Três vezes por noite, ou ainda mais, Romualdo fingia sair para satisfazer as necessidades da natureza; na realidade, não conseguia conter a torrente das lágrimas e dos soluços.

Permaneceu ali por algum tempo e exortou os irmãos não apenas a respeito do combate espiritual, mas também a constituírem um abade sobre si e a colocarem tudo em comum.

Eles, porém, pouco se importaram em aceitar os preceitos de Romualdo, pois cada um tinha seu próprio benfeitor e seguia livremente aquilo que mais lhe agradava.

Capítulo XXXV — Romualdo funda Val di Castro

Romualdo, incapaz de suportar aquela esterilidade, começou a procurar cuidadosamente, movido por ardente desejo, onde poderia encontrar uma terra capaz de produzir frutos de almas.

Enviou mensageiros aos condes da província de Camerino. Quando ouviram o nome de Romualdo, eles se encheram de grande alegria e colocaram à sua disposição todas as propriedades submetidas à sua autoridade: não apenas bosques e montanhas, mas até campos, se assim desejasse.

Por fim encontrou-se em suas terras um lugar muito adequado à vida eremítica, cercado de todos os lados por montanhas e florestas. No centro havia uma espécie de planície, própria não apenas para produzir os frutos da terra, mas também regada por águas claras de nascente.

Desde tempos antigos o lugar se chamava Val di Castro.

Havia ali uma pequena igreja junto da qual vivia uma comunidade de algumas mulheres convertidas. Elas se retiraram do lugar; ali foram construídas pequenas celas, nas quais o venerável homem passou a viver com seus discípulos.

Quantos frutos de almas o Senhor terá recolhido naquele lugar por seu intermédio? Quem seria capaz de escrevê-los com tinta ou narrá-los por palavras?

De todas as partes começaram a acorrer homens à penitência. Distribuíam misericordiosamente seus bens aos pobres; alguns abandonavam inteiramente o mundo e, inflamados no espírito, apressavam-se a entrar na ordem da santa vida religiosa.

O bem-aventurado homem era como um dos serafins: não apenas ardia ele próprio incomparavelmente na chama do amor divino, mas, onde quer que fosse, incendiava também os outros com as tochas da santa pregação.

Muitas vezes, enquanto proferia as palavras de um sermão, tamanha compunção o excitava às lágrimas que interrompia repentinamente o discurso e fugia para algum outro lugar como se estivesse fora de si.

Mesmo quando cavalgava com os irmãos, vinha muito atrás dos demais, sempre salmodiando, e não cessava de derramar lágrimas contínuas; elas não eram em nada menos abundantes do que quando permanecia sentado em sua pequena cela.

Entre outros, repreendia com a maior severidade os clérigos seculares que haviam recebido a ordenação por dinheiro e afirmava que, se não abandonassem voluntariamente aquela situação, eram inteiramente condenáveis e heréticos.

Ao ouvirem isso, coisa nova para eles, alguns chegaram a conspirar para matá-lo. Pois, em toda aquela região, até o tempo de Romualdo, quase ninguém sabia, tão comum se tornara o costume, que a simonia fosse pecado e heresia.

Romualdo lhes disse:

“Trazei-me os livros dos cânones e provai pelo testemunho de vossas próprias páginas se aquilo que digo é verdadeiro.”

Eles os examinaram cuidadosamente, reconheceram o crime e lamentaram seus erros.

O santo homem estabeleceu então muitas casas de cônegos e ensinou os clérigos que viviam secularmente, à maneira dos leigos, a obedecer a superiores e a viver comunitariamente em congregação.

Não poucos bispos que haviam usurpado sedes sagradas pela heresia da simonia recorreram também a ele em busca de penitência. Entregaram-se ao venerável homem e prometeram abandonar o episcopado depois de um prazo determinado e ingressar na ordem da santa vida religiosa.

Não sei, porém, se o santo homem conseguiu converter plenamente sequer um deles enquanto viveu. Pois essa heresia venenosa, sobretudo na ordem episcopal, é tão dura e resistente à conversão que mais facilmente um judeu pode ser convertido à fé do que um ladrão herético, sempre adiando de dia para dia e procrastinando para o futuro, pode ser despertado para uma penitência completa.

Capítulo XXXVI — Romualdo repreende com brandura um ladrão

Em certo dia de festa, enquanto o venerável homem estava sentado em capítulo com os irmãos e os saciava com um banquete de doutrina salutar, interrompeu de repente o sermão, como se sua atenção tivesse sido inquietamente desviada, e começou a gritar:

“Ide! Ide o mais depressa possível, porque ele já está destruindo a cela do irmão Gregório!”

Esse Gregório seria mais tarde consagrado arcebispo entre os pagãos.

Os irmãos levantaram-se imediatamente e correram até a cela, onde encontraram um ladrão que já derrubava as paredes.

Agarraram-no e o arrastaram até o mestre, perguntando o que deveria ser feito com ladrão tão sacrílego.

O santo homem disse-lhes alegremente:

“Também eu não sei, irmãos, o que podemos fazer com pessoa tão má. Arrancaremos seus olhos? Mas então ele não poderá ver. Cortaremos sua mão? Então já não poderá trabalhar e talvez venha a morrer de fome. Se lhe tirarmos o pé, não poderá caminhar. Levai-o para dentro e, antes de tudo, dai-lhe de comer, enquanto deliberamos sobre o que faremos com ele.”

Assim, o santo homem, alegrando-se no Senhor, mandou primeiro alimentar o ladrão; depois o repreendeu com moderação, admoestou-o com palavras doces e permitiu que regressasse em paz para casa.

Capítulo XXXVII — Julgava-se que Romualdo queria conduzir o mundo inteiro à vida monástica

Depois de distribuir não poucos de seus discípulos por Val di Castro, Romualdo transferiu-se para a região de Orvieto e construiu um mosteiro numa propriedade do conde Farulfo.

Muitos contribuíam para sustentá-lo, mas era sobretudo o conde Farulfo quem provia as despesas.

Ardia no peito do santo homem tão incandescente desejo de produzir frutos que jamais se contentava com aquilo que já havia realizado. Enquanto ainda fazia uma coisa, já se lançava a outras.

Chegou-se a pensar que ele queria transformar toda a terra num ermo e associar toda a multidão do povo à ordem monástica.

Assim, naquele lugar, arrancou muitos homens do mundo e os distribuiu entre numerosos lugares sagrados.

Capítulo XXXVIII — Milagres são realizados por intermédio de um jovem discípulo

Não poucos filhos da nobreza, desprezando os desejos de seus pais, fugiam também para junto do bem-aventurado homem.

Entre eles estava o filho do conde Guido. Pouco depois de se tornar monge, ainda em plena infância, aproximou-se da morte e viu dois espíritos malignos, semelhantes a abutres negríssimos e aterradores, fixarem-se diante de seus olhos.

O menino chamou Romualdo, que estava ao seu lado, e disse:

“Olha, mestre! Agora estão entrando etíopes tão grandes que já enchem todo o edifício.”

Pediu então que lhe fosse permitido confessar aquilo que fizera de errado.

Aquele afortunado pecador confessou com grande temor apenas esta falta: o prior lhe ordenara que recebesse determinado número de golpes — não sei quantos — e ele ainda não os havia recebido.

Romualdo absolveu-o daquele grande pecado, e o menino morreu em paz.

No dia seguinte, certo cego, que pertencia à casa de seu pai, foi até o sepulcro do menino e clamou em alta voz:

“Ó meu senhor, se estás com Deus, como creio, oferece por mim tuas preces a Ele e restitui-me a luz dos olhos!”

Mal terminara de dizer isso e a luz lhe foi devolvida.

Assim, aquele que por amor de Deus desprezara em vida a herança de seus pais segundo a carne mereceu depois da morte ser honrado por Deus dessa maneira.

Capítulo XXXIX — Romualdo busca o martírio na Hungria, mas encontra perseguição em Orvieto

Nesse meio-tempo, Romualdo soube que o bem-aventurado Bonifácio havia recebido o martírio. Inflamado por enorme desejo de derramar o próprio sangue por Cristo, decidiu imediatamente partir para a Hungria.

Enquanto perseverava nesse propósito, fundou em pouco tempo três mosteiros: um em Val di Castro, onde agora está sepultado seu santíssimo corpo; outro junto ao rio Esino; e o terceiro nas proximidades da cidade de Ascoli.

Depois de receber autorização da Sé Apostólica e de dois de seus discípulos serem consagrados arcebispos, iniciou a viagem acompanhado por vinte e quatro irmãos.

Ardia em todos tamanho desejo de morrer por Cristo que era difícil ao santo homem realizar empresa tão especial acompanhado apenas por poucos.

Partiram. Quando chegaram às fronteiras da Panônia, Romualdo adoeceu subitamente e já não conseguiu prosseguir.

Durante a enfermidade, que se prolongou por algum tempo, acontecia algo singular: sempre que decidia voltar para trás, imediatamente melhorava; mas, se tentava seguir adiante, seu rosto inteiro inchava de repente e seu estômago enfraquecido já não conseguia reter alimento.

Chamou então os irmãos e lhes disse:

“Parece-me que não é de modo algum vontade de Deus que eu prossiga. Sei, porém, quão grande é o desejo que vos move e, por isso, não obrigarei nenhum de vós a regressar. Muitos antes de nós empregaram todas as forças para atingir o cume do martírio, mas, porque a divina providência determinou outra coisa, foram obrigados a permanecer em sua própria condição. Embora eu não duvide de que o martírio faltará a todos vós, deixo a cada um decidir se deseja prosseguir ou regressar comigo.”

Quinze seguiram para a Hungria; dois já haviam sido enviados para outros lugares; e apenas sete discípulos permaneceram com o mestre.

Dos que prosseguiram, alguns foram açoitados, outros vendidos, outros submetidos a diversos senhores; mas ao martírio, conforme o santo homem predissera, nenhum deles chegou.

Romualdo, porém, converteu certo nobre de elevada posição, irmão do duque Adalbero. Depois de tornar-se monge, esse homem perseverou na santa vida religiosa até a morte.

Romualdo regressou com ele e com outros alemães ao mosteiro que havia construído na região de Orvieto.

Assim se deve notar que o santo homem não podia ser frustrado por uma aparente inutilidade. Segundo sua intenção, submeteu-se ao martírio; segundo o conselho divino, converteu aqueles para cuja salvação fora enviado.

Naquele mosteiro sofreu muitas perseguições. Queria que o abade, como verdadeiro monge, amasse a austeridade, não se envolvesse por desejo em negócios do mundo e não gastasse os bens do mosteiro por vanglória, mas fornecesse apenas o necessário ao uso dos irmãos.

Como o abade ignorava suas advertências, Romualdo deixou o lugar com seus discípulos e passou a viver não longe de Preggio, em território submetido à autoridade de Rainier, que mais tarde seria feito marquês da Toscana.

Capítulo XL — Romualdo representa a majestade de Deus diante dos pecadores

Esse Rainier havia repudiado a esposa sob o pretexto de parentesco próximo e se unido em matrimônio à mulher de seu irmão, a quem ele próprio matara, embora contra a vontade, enquanto era perseguido por ele.

Por essa razão Romualdo não queria permanecer gratuitamente em suas terras, para não se tornar participante de seu crime. Pagava, portanto, uma moeda de ouro pela água e outra pela madeira.

Rainier recusava terminantemente receber o dinheiro, preferindo dar de seus bens a receber qualquer coisa do santo homem. Por fim, contudo, cedeu e aceitou, antes que Romualdo fosse embora.

Mais tarde, quando já havia recebido o marquesado, Rainier costumava dizer:

“Nem mesmo o imperador — nenhum mortal — consegue infundir em mim temor semelhante ao que sinto quando vejo Romualdo. Diante de seu rosto não sei o que dizer e não encontro desculpa alguma com que me possa defender.”

O santo homem possuía, por dom divino, esta graça: os pecadores que se apresentavam diante dele — quem quer que fossem, mas sobretudo os poderosos do mundo — eram imediatamente tomados de tal temor que sua carne estremecia como se estivessem diante da majestade de Deus.

Sem dúvida era o Espírito Santo, que habitava em seu peito, quem por meio daquele terror ameaçava divinamente os injustos.

Naquele mesmo período, o venerável homem construiu um mosteiro não longe do castelo de Marsiliana.

Capítulo XLI — Um abade simoníaco tenta estrangular Romualdo

Em certa ocasião, Romualdo soube que um veneziano havia usurpado por compra a abadia de Santo Apolinário em Classe, mediante a heresia da simonia, e que, além disso, pecava perversamente contra o próprio corpo.

O incansável soldado de Cristo pôs-se imediatamente a caminho e procurou, por diversos meios, purificar o mosteiro daquele homem.

O réprobo, porém, temendo perder a abadia, não temeu cometer homicídio.

No silêncio da noite, enquanto Romualdo repousava despreocupado no leito, o abade aproximou-se às escondidas e apertou-lhe a garganta entre os dedos ímpios, ardendo cruelmente pelo desejo de sufocá-lo.

A garganta do santo homem ainda não estava inteiramente fechada, e ele conseguiu emitir um som áspero enquanto lutava por respirar.

Naquele mesmo instante, Engelberto, despertado pelos gemidos do mestre, apanhou um tição no fogo que já se apagava e expulsou o ministro do demônio antes que consumasse tão horrendo crime.

Capítulo XLII — Romualdo é chamado de volta de Parenzo por autoridade romana

Depois disso, Romualdo voltou a navegar para Parenzo.

O pontífice da Sé Apostólica e os cidadãos romanos, porém, enviaram-lhe uma delegação pedindo seu retorno.

Prometeram que, se voltasse, seguiriam seus preceitos; caso contrário, ameaçaram-no com a sentença de excomunhão.

Assim, a Itália, que o nutrira, mereceu recuperar o seu Romualdo.

Capítulo XLIII — A morada de um monge, pela qual Romualdo se responsabilizara, é protegida de um ladrão

Romualdo permaneceu algum tempo num desfiladeiro das montanhas de Cagli e depois partiu para Monte Pietralata, não longe do mosteiro de São Vicente, situado junto ao rio Candigliano.

Onde quer que fosse, o santo homem produzia frutos, aumentava continuamente o número das almas conquistadas e arrancava homens do mundo. Como se estivesse inteiramente transformado em fogo, inflamava os corações dos homens com o desejo das coisas celestes.

Desejando encontrar um lugar adequado para um eremitério, ordenou a certo sacerdote que voltasse à própria casa e trouxesse alimento para ele e para os que o acompanhavam.

Em seguida percorreu atentamente a montanha e, depois de dar a volta por ela, encontrou certo monge que vivia junto a uma pequena igreja.

Romualdo pediu-lhe imediatamente que o acompanhasse e lhe mostrasse um lugar onde se pudesse encontrar água.

O monge recusou energicamente, dizendo que não podia deixar sua casa sem guarda, pois temia os ladrões que rondavam o lugar.

Romualdo respondeu que, se alguma coisa acontecesse, ele próprio o indenizaria de tudo. Assumindo assim sobre si a dívida de um prejuízo alheio, levou o monge consigo.

Enquanto procuravam o lugar, eis que o sacerdote, trazendo a refeição conforme recebera ordem, encontrou um ladrão que já arrombava a casa.

Prendeu-o e o manteve sob guarda até o regresso de Romualdo.

Ao encontrá-lo, Romualdo primeiro o repreendeu com piedosa severidade; depois, admoestando-o com doçura, permitiu que voltasse ileso para casa.

Assim, sem dúvida, a providência divina conservou intacto aquilo que, na ausência de Romualdo, havia sido deixado sem guarda.

Capítulo XLIV — Romualdo envia um irmão para surpreender outros ladrões

Outra vez, enquanto permanecia naquela mesma região construindo celas, havia certo fardo guardado sob uma pedra a alguma distância delas.

De repente, como que movido por um impulso, o venerável homem enviou apressadamente um irmão até aquele lugar, ordenando-lhe que corresse com toda a urgência.

O irmão encontrou imediatamente alguns ladrões. Eles já tentavam roubar o que ali estava, mas ainda nada faltava daquilo que fora depositado sob a pedra.

Disso se conclui com razão que não foi sem inspiração de uma revelação divina que o bem-aventurado homem enviou o irmão com tamanha inquietação. Ele próprio fora interiormente advertido de que ladrões haviam chegado aos bens deixados sem guarda.

Capítulo XLV — Romualdo é expulso de Val di Castro

Depois disso, Romualdo regressou ao mosteiro de Val di Castro.

Exortou então o abade a governar os outros de tal modo que não viesse por causa disso a negligenciar a si próprio. Queria, além disso, que o abade não abandonasse, por causa de seu governo, a cela que ocupava, mas nela vivesse espiritualmente voltado para si mesmo, visitando os irmãos para admoestá-los apenas nas festas mais importantes.

O modo de vida dos abades, tal como então se praticava, era tão odioso ao bem-aventurado homem que, ao que percebemos, ele se alegrava tanto em conseguir arrancar uma abadia das mãos de alguém quanto em chamar algum poderosíssimo homem do mundo à ordem da santa vida religiosa.

Mas, como diz Salomão: “Como vinagre sobre salitre é aquele que canta canções a um coração perverso” (nota de rodapé: Alusão a Provérbios 25,20. O «salitre» designa aqui uma substância alcalina que reage ao contato com o vinagre. Pedro Damião emprega a imagem para mostrar que as advertências de Romualdo, longe de corrigirem o abade obstinado, apenas agravaram sua hostilidade.), assim também o abade, em vez de melhorar com a pregação do venerável homem, tornou-se cada vez pior.

Dirigiu-se imediatamente às condessas que eram senhoras do lugar e, com sacrílega astúcia, sugeriu-lhes que mandassem cortar em pedaços a madeira com que deveriam ser construídas as celas de Romualdo.

E assim o alto cedro do Paraíso foi expulso do bosque dos homens terrenos.

Capítulo XLVI — Romualdo cura uma dor de dentes

Enquanto alguns leigos construíam moradias naquele lugar com os discípulos de Romualdo, este permanecia sozinho cuidando da hospedaria, pois, por causa da idade, já não era capaz de trabalhar.

Certo sacerdote começou a sofrer uma dor de dentes insuportável. Contra a vontade, abandonou o trabalho da construção e, depois de pedir licença aos irmãos, começou a voltar para casa, gemendo miseravelmente.

Como o caminho de volta passava junto de Romualdo, este lhe perguntou por que estava indo embora. O sacerdote contou-lhe o sofrimento que o acometera.

Romualdo pediu-lhe que abrisse a boca, tocou com o dedo o lugar dolorido e disse:

“Coloca um furador em brasa dentro de um caniço, para que não fira teu lábio, e aplica-o aqui. Assim a dor desaparecerá.” (nota de rodapé: o furador é uma ferramenta metálica pontiaguda; o caniço é um pedaço de haste vegetal oca, usado como proteção para que o metal aquecido não encoste no lábio.)

O sacerdote mal havia percorrido pouco mais que a extensão de um iugerum [*Iugerum* era normalmente uma medida romana de área, aproximadamente a extensão que uma junta de bois podia lavrar num dia. Pedro Damião o emprega aqui de modo incomum como medida de distância; por isso a tradução evita convertê-lo em unidade moderna.] quando, subitamente livre de toda dor, voltou perfeitamente são ao trabalho que abandonara.

E clamava em alta voz:

“Damos-te graças, Deus onipotente, que te dignaste iluminar nossa região com o esplendor de tão grande estrela! Verdadeiramente apareceu entre nós um anjo de Deus, verdadeiramente um santo profeta, uma grande luz escondida do mundo!”

Enquanto proclamava essas e muitas outras coisas em louvor de Deus, os discípulos do bem-aventurado homem mal conseguiram fazê-lo calar-se. Pois, se semelhantes palavras chegassem de algum modo aos ouvidos de Romualdo, causavam-lhe profunda aflição no coração.

(nota de rodapé, ao final do Capítulo: Embora Romualdo recomende um procedimento para aliviar a dor de dentes, o sacerdote é curado antes de chegar a realizá-lo. Considerando a aflição que os elogios lhe causavam, é possível compreender essa recomendação como expressão da humildade do santo, que não desejava atrair para si a atenção por uma cura milagrosa.)

Capítulo XLVII — Uma árvore é milagrosamente desviada para não cair sobre a cela de Romualdo

Em outra ocasião, Romualdo ordenou que se cortasse uma grande faia que ficava muito perto de sua cela.

A árvore inclinava-se de tal maneira sobre a construção que, segundo todo cálculo humano, ao cair esmagaria sem dúvida a cela inteira.

Os trabalhadores queriam obedecer, mas estavam aterrorizados com a direção da queda. Romualdo insistiu para que não tivessem medo algum.

Os machados golpearam a árvore de todos os lados e, quando chegaram finalmente à parte mais profunda do tronco, ela já ameaçava cair diretamente sobre o bem-aventurado homem.

Todos começaram a gritar, suplicando com grande clamor que, ainda que não se importasse com a cela, ao menos saísse dali para salvar a própria vida.

Romualdo não deu atenção aos gritos e ordenou firmemente que terminassem depressa o trabalho começado.

Por fim, a faia caiu com enorme estrondo. Pelo poder divino, porém, foi lançada para outra direção, de modo que, para admiração de todos, a cela permaneceu inteiramente intacta.

Estupefatos diante de tão grande milagre, todos elevaram alegres vozes ao Céu e renderam incessantes graças a Deus.

Capítulo XLVIII — Um camponês é milagrosamente salvo da morte sob outra árvore

Mas o que dizer da proteção divina que cercava o venerável homem, quando sabemos que também outras pessoas foram muitas vezes salvas de grandes perigos por sua presença? Entre esses casos bastará recordar aqui um só, pois o leitor prudente compreenderá que houve outros.

Certo dia, enquanto Romualdo permanecia com os trabalhadores, mandou cortar em Monte Pietralata um carvalho de enorme tamanho.

A árvore pendia numa encosta muito íngreme, inclinada para o precipício. Um camponês encontrava-se um pouco abaixo.

Quando o carvalho foi derrubado, caiu pesadamente e começou a rolar encosta abaixo em direção ao abismo. Apanhou o camponês no caminho e o arrastou consigo para baixo, num choque inteiramente inesperado.

Todos soltaram imediatamente gritos de dor, supondo não apenas que o homem estivesse morto, mas que seu corpo tivesse sido despedaçado.

Mas quão admirável é o poder divino! O camponês foi logo encontrado perfeitamente são, como se sobre ele tivesse caído não a árvore, mas apenas uma folha da árvore.

Por isso se pode avaliar quanto pesava diante de Deus o mérito do santo homem: aos olhos de Deus, o enorme peso daquela árvore não teve peso algum.

Capítulo XLIX — Romualdo é falsamente acusado de pecado carnal

Depois de deixar Monte Apenino, Romualdo subiu ao Monte Sitria para ali viver.

É preciso ter grande cuidado para que ninguém, ouvindo que o santo homem se transferiu para tantos lugares, atribua o peso de seu piedoso trabalho ao vício da inconstância.

Não há dúvida de que essas mudanças se davam porque, onde quer que o venerável homem habitasse, convergia para ele uma multidão quase incontável. Assim, quando via uma região já cheia de habitantes e havia constituído ali um prior, a razão exigia que se apressasse para encher outra.

Narrar quantas afrontas e discórdias sofreu de seus discípulos em Sitria excederia nossa capacidade. Relataremos apenas uma, passando as demais em silêncio por amor à brevidade.

Romualdo tinha certo discípulo chamado Romano, nobre de nascimento, mas inteiramente degenerado em sua conduta.

Como o santo homem não apenas o repreendia verbalmente por sua impureza carnal, mas também frequentemente o castigava com açoites muito severos, aquele homem diabólico teve a audácia de devolver contra Romualdo a acusação do mesmo pecado e, com boca sacrílega, latir vergonhosamente contra aquele templo do Espírito Santo.

Afirmou que o santo homem havia cometido com ele o mesmo pecado.

Todos os discípulos se inflamaram então contra Romualdo e se tornaram seus inimigos. Uns gritavam que o velho ímpio devia ser enforcado; outros julgavam conveniente queimá-lo juntamente com sua pequena cela.

O que havia de especialmente admirável era que homens espirituais pudessem acreditar em calúnia tão abominável contra um velho decrépito de mais de cem anos. Mesmo que nele existisse a vontade de pecar, a natureza, o frio do sangue e o ressecamento do corpo consumido pela idade teriam tornado isso impossível.

Deve-se crer, porém, que tão severo flagelo de hostilidade caiu sobre o santo homem para aumentar-lhe o mérito.

O próprio Romualdo costumava dizer que, ainda no eremitério que acabara de abandonar, tivera conhecimento antecipado dessa desonra e que viera com alegria para sofrer tão indevida censura e ignomínia.

O réprobo sarabaíta (nota de rodapé: Sarabaita: monge que, segundo a classificação da Regra de São Bento (cap. I), vive sem a disciplina de uma regra comum e sem se submeter à autoridade de um abade. O termo é empregado em sentido depreciativo.) que lançara a acusação contra o santo homem obteve depois, pela heresia da simonia, o bispado de Nocera.

Ocupou-o durante dois anos. No primeiro, viu a igreja arder juntamente com os livros, sinos e todos os demais objetos sagrados, em retribuição de seus méritos. No segundo, perdeu ao mesmo tempo o ofício e a vida, atingido pela sentença divina.

Capítulo L — Romualdo é arrebatado durante a Missa e recebe a ordem de explicar os Salmos

Os discípulos impuseram então penitência ao santo homem como se o crime tivesse realmente sido cometido e chegaram a retirar-lhe inteiramente a permissão de celebrar os sagrados mistérios.

Romualdo acolheu alegremente aquela injustiça. Cumpriu a penitência como se fosse de fato culpado da acusação e, durante cerca de seis meses, não ousou aproximar-se do altar sagrado.

Por fim, como ele próprio contou mais tarde àqueles mesmos discípulos, recebeu de Deus uma ordem: se temia perder a graça divina, deveria abandonar inteiramente aquela simplicidade sem discernimento e celebrar com confiança os sagrados mistérios da Missa.

No dia seguinte, portanto, começou a oferecer o sacrifício.

Quando chegou às segundas orações secretas da Missa, caiu em silêncio, arrebatado em êxtase durante tanto tempo que todos os presentes se admiraram.

Depois lhe perguntaram por que, durante a oferta do sacrifício, fizera pausas tão longas além do costume.

Ele respondeu:

“Fui arrebatado ao Céu e levado diante de Deus. A voz divina ordenou-me imediatamente que explicasse os Salmos segundo a compreensão que Deus infundiu em mim e que, na medida de minha capacidade, pusesse por escrito, em sequência, aquilo que me fosse dado compreender. Fui tomado por tão grande e inabalável temor que não consegui responder coisa alguma, a não ser: ‘Assim seja, assim seja.’”

Depois disso, o santo homem explicou brilhantemente todo o Saltério e não poucos cânticos dos profetas. Ainda que por vezes infringisse as regras da gramática, conservava sempre corretamente o sentido verdadeiro.

Capítulo LI — A alma de Romualdo é levada diante de Deus, branca como a neve

Certo dia, os discípulos lhe perguntaram:

“Mestre, que idade se considera ter a alma e sob que forma ela é apresentada ao juízo?”

Romualdo respondeu:

“Conheço um homem em Cristo cuja alma foi levada diante de Deus, resplandecente como a neve, em forma humana e com a estatura de um homem plenamente adulto.”

Perguntaram-lhe novamente quem era esse homem. Romualdo, porém, mostrou-se incomodado e recusou-se a dizer.

Os discípulos ficaram perplexos e começaram a discutir o assunto entre si. Por revelação que lhes pareceu indubitável, compreenderam que o próprio Romualdo era o homem de quem falara — como de fato era.

Capítulo LII — Romualdo prega por sua própria vida em Sitria

O venerável homem permaneceu recluso em Sitria durante cerca de sete anos e guardou inviolavelmente silêncio contínuo.

E, no entanto, embora sua língua se mantivesse calada, pregava com a própria vida. Em nenhum outro lugar, talvez, conseguiu trabalhar tão poderosamente para converter homens ou levá-los em multidão à penitência.

Já avançando para a velhice, vivia com extremo rigor, como se pode perceber pelo fato de que hoje até homens perfeitos vivem em geral com maior brandura e concedem a si mesmos algum alívio em comparação com a austeridade que ele praticava.

Durante toda uma Quaresma não tomou como alimento ou bebida coisa alguma além de um caldo preparado com pequena quantidade de farinha e algumas ervas, seguindo nisso o exemplo de Santo Hilarião.

Por cinco semanas não comeu outra coisa além de uma pequena quantidade de grão-de-bico deixado de molho.

Assim Romualdo experimentava, por muitos e diferentes modos de vida, até onde chegava sua força espiritual, exercitando-se continuamente ora de uma maneira, ora de outra.

O discreto soldado de Cristo aplicava-se sempre a preparar-se para novos combates; e, precisamente quando o corpo estava prestes a cair, chamava em seu auxílio a misericórdia e concedia algum alívio ao pequeno corpo que já vacilava.

Possuía duas ou mesmo três túnicas de crina, por causa das necessidades do corpo; não permitia, porém, que fossem lavadas. Em vez disso, expunha-as à chuva e só costumava trocá-las depois de trinta dias.

Jamais permitia que uma navalha lhe tocasse a cabeça, mas cortava ele próprio com tesoura o excesso dos cabelos e da barba.

E, se o vício da gula o tentava com algum alimento agradável, mandava imediatamente que fosse preparado com cuidado. Depois colocava-o diante da boca e do nariz, limitava-se a aspirar o cheiro

e dizia:

“Ó garganta, garganta! Como este alimento te pareceria doce e agradável agora! Mas ai de ti: jamais o comerás!”

E enviava o prato intacto de volta ao despenseiro.

Capítulo LIII — Romualdo cura uma dor de cabeça com seu sopro

Embora o santo homem praticasse tamanha austeridade contra si mesmo, mostrava sempre um semblante alegre e um rosto sereno.

Certo irmão chamado Gregório queixou-se um dia de uma forte dor de cabeça. Gemendo muito, dirigiu-se à pequena cela do bem-aventurado homem, onde se encontravam também outros irmãos.

Assim que o viu, o venerável homem atribuiu sem hesitação aquela dor não a algum desequilíbrio dos humores, mas às astúcias do antigo inimigo.

Como se estivesse brincando com o irmão — pois tinha sempre expressão alegre —, soprou-lhe na testa através da janela da pequena cela e fez sinal para que todos os outros presentes fizessem o mesmo.

Depois disso, Gregório ficou tão completamente curado que não sentiu na cabeça o menor vestígio da dor.

Julgo que o santo homem quis proceder dessa maneira porque acreditava que aquele inimigo hostil, causador do sofrimento, deveria ser posto em fuga pelo Espírito Santo que habitava em seu peito.

Para evitar que o louvor fosse atribuído a ele próprio, simulou uma brincadeira e procurou companheiros para realizá-la. Pois também de nosso Redentor se lê que soprou quando concedeu o Espírito Santo aos apóstolos.

Capítulo LIV — Romualdo cura um homem enlouquecido com um beijo

Certo homem padecia de uma enfermidade mental tão grave que perdera o uso da razão e toda capacidade de comportar-se e falar de modo inteligível.

Romualdo nada fez além de lhe dar um beijo.

Imediatamente o homem recuperou a antiga sanidade. Ao reconciliar-se com aquele espírito perturbado, Romualdo restituiu-lhe também a paz interior.

Depois de curado, o homem costumava contar:

“Quando me foi concedido tocar os lábios sagrados do bem-aventurado homem, senti imediatamente como se um poderoso sopro de vento saísse de sua boca. Passou por todo o meu rosto e por minha própria cabeça e expulsou de uma vez todo o calor ardente de meu cérebro em ebulição.”

Capítulo LV — Romualdo cura um irmão de uma grave doença das pernas

Em outra ocasião, o mesmo Gregório de quem falamos sofreu nas pernas uma sarna tão fétida e purulenta que acreditava que aquele gravíssimo inchaço fosse provocado pela doença da elefantíase.

Romualdo prescreveu-lhe um remédio especial: mergulhar as pernas em água fria durante três dias. Prometeu-lhe que desse modo recuperaria a saúde anterior.

Não há dúvida de que o irmão cumpriu a ordem mais pela obrigação da obediência do que pela confiança de que seria curado.

Mas aconteceu algo verdadeiramente admirável, que deve ser atribuído somente ao poder divino: o inchaço das pernas regrediu rapidamente, todo o líquido corrosivo secou e o irmão foi inteiramente restituído à saúde, livre da enfermidade.

É razoável, portanto, crer que Romualdo mandou o discípulo mergulhar as pernas inchadas na água no mesmo espírito em que Eliseu ordenou a Naamã, o leproso, que se lavasse sete vezes no Jordão.

Capítulo LVI — Engelberto atrai sobre si a separação de Romualdo

Apesar de tudo isso, não foram poucos os homens carnais que ousaram censurar maliciosamente Romualdo e atribuir suas palavras e seus atos ao vício da inconstância.

Certo discípulo seu, que vivia num eremitério situado a alguma distância, deixou-se pressionar por seus parentes e, embora contrariado, acabou concordando em ir a Roma, durante a Quaresma, para tratar de um negócio deles.

O santo homem imediatamente tomou conhecimento disso pelo Espírito e, desgostoso, escreveu a certo irmão que o assistia, dizendo que aquele bom homem evidentemente pretendia dirigir-se a Roma para tratar de semelhante negócio.

O irmão ficou admirado, perguntando-se como o mestre poderia saber disso, pois era evidente que não havia conversado com ninguém vindo de fora. Investigou então cuidadosamente o caso e constatou que tudo era exatamente como o venerável homem havia dito.

Esse irmão foi então procurar outro condiscípulo, chamado Engelberto, que vivia recluso, e lhe contou francamente tanto o que o mestre havia dito quanto o fato de que, sem dúvida alguma, possuía o espírito de profecia.

Engelberto, porém, rejeitou tudo com imprecações. Repreendeu o irmão e, afirmando que aquilo não era verdade, prendeu a si mesmo com as cadeias de uma maldição:

“Se esse homem disse isso pelo espírito de profecia, e não antes pelo demônio, que Deus todo-poderoso não me permita continuar nesta reclusão.”

Mal havia pronunciado essas palavras, e elas se cumpriram.

Poucos dias depois, Engelberto abandonou a reclusão sem a permissão do mestre e, segundo se conta, jamais voltou a vê-lo nesta vida.

Capítulo LVII — Gaudêncio abandona Romualdo por Engelberto e é afastado do altar celeste

Outro irmão, chamado Gaudêncio, pai do abade deste mosteiro de São Vicente, converteu-se com grande fervor e, desde então, viveu no serviço de Deus com espírito extremamente ardoroso.

Em certa ocasião, desejando abandonar completamente todos os alimentos cozidos e sustentar-se apenas de pão e água, frutas e verduras cruas, pediu autorização ao bem-aventurado Romualdo.

Recebeu a permissão e perseverou incansavelmente nesse modo de vida.

Outro irmão, porém, chamado Tedaldo, compadecendo-se indiscretamente de sua fraqueza, dirigiu-se ao mestre e sugeriu que, como Gaudêncio não conseguiria suportar peso tão grande, aquela prática deveria ser inteiramente interrompida.

Romualdo, homem de coração simples, concordou com a opinião de Tedaldo e retirou de Gaudêncio a permissão para continuar vivendo daquela maneira.

Gaudêncio recebeu muito mal a decisão. Não quis mais permanecer de modo algum no mesmo eremitério com Tedaldo, onde Romualdo os havia estabelecido; em vez disso, submeteu-se a Engelberto, que se havia separado de Romualdo, e dele recebeu autorização para seguir o modo de vida que desejava.

Não muito tempo depois, Gaudêncio morreu e foi sepultado no cemitério de São Vicente, junto ao corpo do venerável Berardo, que também fora discípulo de Romualdo.

Romualdo, porém, proibiu inteiramente que se rezasse por Gaudêncio, porque ele havia terminado a vida no pecado da desobediência.

Algum tempo depois, certo monge daquela comunidade, enquanto celebrava com os demais irmãos o ofício da manhã, começou de repente a sofrer uma dor de dentes tão aguda que já não conseguiu permanecer no coro para a salmodia.

Saiu imediatamente e, gemendo, deitou-se sobre o sepulcro de Berardo e Gaudêncio.

Depois de permanecer ali algum tempo em oração, foi vencido pelo sono.

Imediatamente viu Berardo, claramente, revestido de esplêndidos ornamentos sacerdotais, segurando nas mãos um livro escrito com letras de ouro e de pé diante de um altar, celebrando os ritos da Missa.

Viu também Gaudêncio, triste e lamentando-se, muito afastado às costas de Berardo, com o rosto abatido, sem ousar aproximar-se dos sagrados mistérios, como se estivesse excomungado.

Gaudêncio então lhe disse:

“Vês, irmão, esse maravilhoso livro dourado de Berardo? Eu também teria agora um livro assim, certamente, se — ai, ai de mim! — o monge Tedaldo não o tivesse tirado de mim.”

Imediatamente o irmão despertou, completamente são, livre de toda a dor. Levantou-se e depois relatou alegremente aos irmãos, em ordem, tudo o que havia visto.

Quando Romualdo soube disso, ordenou imediatamente aos irmãos que passassem a manifestar caridade fraterna para com Gaudêncio e rezassem fervorosamente por ele.

Conclui-se, portanto, não sem razão, que aquele que, separado da comunhão de Romualdo, perdera o livro que havia merecido receber, mereceu recuperá-lo quando, pela graça, foi restaurado e elevado pela oração; e aquilo que Tedaldo lhe havia tirado por intermédio de Romualdo, o próprio Romualdo agora lhe restituiria, rezando por ele juntamente com todos os irmãos.

Capítulo LVIII — Um irmão presunçoso é atormentado por demônios no leito de Romualdo

Certo dia, o venerável homem precisou fazer uma viagem e confiou sua cela a um dos discípulos, ordenando-lhe que permanecesse ali até seu regresso.

O discípulo, porém, agiu com temeridade. Não guardando a reverência devida à honra do mestre, não hesitou em deitar-se atrevidamente no próprio leito de Romualdo.

E eis que, naquela mesma noite, espíritos malignos lançaram-se ferozmente sobre ele, espancaram-no com golpes violentíssimos e, depois de arremessá-lo para fora da cama, deixaram-no quase morto.

Com efeito, mereceu sofrer tais e tão insolentes vingadores de seu pecado, pois, abandonando a humildade, havia pecado contra homem tão grande; e, como não mostrara reverência ao piedoso mestre, recebeu disciplina de mãos duras e impiedosas.

Pouco tempo depois, o venerável homem estava novamente prestes a partir em viagem e deixou outro discípulo na mesma cela.

O discípulo lhe disse:

“Mestre, não me deitarei em teu leito, pois tenho medo de que me aconteça aquilo que aconteceu ao outro.”

Romualdo respondeu:

“Meu filho, deita-te e dorme tranquilo. Aquele homem caiu nas mãos do inimigo porque não havia recebido de mim permissão, embora eu nada seja. Tu, porém, recebeste consentimento; põe tua esperança em Deus e repousa sem medo.”

Ele se deitou, portanto, conforme lhe fora ordenado, e não sofreu mal algum.

Capítulo LIX — Uma mulher enlouquecida que se opunha a Romualdo é curada por sua bênção

Certo leigo chamado Arduíno entregou-se a Romualdo para receber o hábito da santa vida religiosa. Depois voltou para casa a fim de dispor de todos os seus bens.

Quando sua esposa o viu chegar, gritou-lhe, tomada sem dúvida por violenta fúria:

“Então, meu bom homem, voltas agora daquele herege, daquele velho sedutor, para me abandonares miserável e privada de todo auxílio humano?”

Mal pronunciara essas palavras, perdeu imediatamente a razão e começou a delirar e a estremecer como se fosse abertamente atormentada por um demônio.

O santo homem tinha este costume: sempre que enviava irmãos em viagem, dava-lhes, como bênção, pão, frutas ou alguma outra coisa.

Os discípulos, tendo-o comprovado muitas vezes, estavam convencidos de que, se oferecessem a algum enfermo alguma coisa recebida da bênção do mestre, poderiam restituí-lo são à saúde.

Muitos enfermos, com efeito, recuperavam frequentemente a saúde até mesmo pela água na qual Romualdo havia lavado as mãos.

Tudo isso, porém, precisava ser feito com grande cautela, pois, se o santo homem chegasse de algum modo a tomar conhecimento dessas coisas, era tomado por profunda tristeza.

Depois de aquela mulher permanecer miseravelmente atormentada por muito tempo, alguns irmãos que ali se encontravam deram-lhe um pedaço de pão que haviam recebido do mestre como bênção.

Assim que o comeu, sua mente se acalmou imediatamente e ela ficou inteiramente livre de todo o delírio da loucura.

Então deu graças a Deus todo-poderoso e a Romualdo, seu servo, e já não negou ao marido a permissão para abraçar a vida religiosa.

Capítulo LX — Um menino possesso é curado da mesma maneira

Em outra ocasião, levaram ao bem-aventurado homem certo menino possesso por um demônio.

Romualdo nada mais fez do que lhe dar um pequeno pedaço de pão como bênção.

Assim que o menino o comeu, foi imediatamente libertado do demônio.

Com razão, pois, depois que a bênção de Romualdo penetrou naquele corpo miseravelmente possuído, o espírito maligno foi imediatamente abrasado e obrigado a sair dali.

Capítulo LXI — O demônio, ao fugir, rompe a parede da cela de Romualdo

O demônio, porém, jamais conseguia descansar de seus ataques contra o santo homem. E, como nada podia realizar contra ele por meio de enganos ocultos, manifestava incessantemente e às claras a malícia de seu veneno.

Certo dia, enquanto o venerável homem estava em sua cela, eis que apareceu um espírito maligno — imundo, eriçado e de tamanho horrendo. Começou a aterrorizar o santo homem e, tomado por enorme fúria, ameaçava atacá-lo violentamente e matá-lo.

Romualdo, porém, permaneceu intrépido, voltou-se para o auxílio do Céu e proclamou com confiança que Cristo viria em seu socorro.

Imediatamente o antigo inimigo fugiu. Mas, tomado de tamanha fúria em sua retirada, atravessou com violência a própria parede da cela e rachou uma grossa tábua de faia por cerca de um côvado, ou até mais.

Assim revelou abertamente, na pequena morada, quão grande chama de crueldade ardia contra aquele que nela habitava; e deixou de certo modo escrito na parede aquilo que secretamente trazia contra Romualdo em sua intenção.

Capítulo LXII — O demônio aparece sob a forma de um cão vermelho

Em outra ocasião, enquanto o venerável homem cavalgava com seus discípulos, eis que um espírito maligno assumiu a aparência de um cão vermelho e lançou-se com grande ímpeto no caminho.

Assustou de tal maneira o cavalo sobre o qual Romualdo estava montado que o santo quase foi lançado ao chão.

Romualdo perguntou aos discípulos se também haviam visto aquela criatura.

Eles responderam que haviam percebido perfeitamente o terror do cavalo, mas afirmaram que coisa alguma daquele gênero lhes aparecera.

Então Romualdo disse:

“Como é miserável aquele que outrora foi um anjo esplêndido e agora não se envergonha de mostrar-se sob a aparência de um cão imundo!”

Capítulo LXIII — A discórdia entre os discípulos de Romualdo alegra o demônio

Em outra ocasião, Romualdo determinou que se construísse em Valbona um mosteiro para as servas de Deus.

Surgiu então uma discórdia entre seus discípulos: alguns se recusavam terminantemente a aceitar que o mosteiro fosse construído, enquanto outros insistiam com grande veemência para que a obra fosse realizada.

Enquanto as duas partes discutiam diante do venerável homem, apresentando diferentes argumentos, o demônio começou a golpear incessantemente um barril diante do pórtico da cela, como se o ferisse com um martelo.

O estrondo de suas pancadas rápidas ressoava por todo o bosque.

Mais tarde, quando todos já estavam de acordo e consentiam unanimemente na construção do mosteiro, eis que o espírito maligno, ouvido por todos, começou a uivar, lamentar-se e soltar incessantes gemidos.

Por fim, quando se separaram e cada um regressava à sua hospedagem, o antigo inimigo perseguiu-os com tamanha tempestade e redemoinho que parecia agitar ao mesmo tempo todos os ventos e arrancar pela raiz o bosque inteiro.

Então um dos irmãos o repreendeu, dizendo:

“Eu te ordeno, em nome da Santíssima Trindade, espírito imundo: deixa de nos perseguir!”

E assim o demônio foi posto em fuga.

Com razão o autor da discórdia, depois de restabelecida a paz, foi levado a lamentar-se e chorar, ele que antes fora ouvido alegrando-se com o crescimento da contenda.

Aquele que antes procurava romper o aro do recipiente vazio e espalhar as partes de que ele era formado retirou-se entristecido quando viu os discípulos unidos pela corrente da paz e pelo vínculo da caridade. (nota de rodapé: A imagem alude a um barril formado por tábuas de madeira, mantidas unidas por aros. Assim como a retirada de um aro faria o barril se desfazer, a discórdia

poderia dispersar os discípulos de Romualdo. A paz e a caridade são apresentadas como os vínculos que preservam a unidade da comunidade.)

Capítulo LXIV — Sitria torna-se como uma nova Nítria

Naquele tempo, vivia-se em Sitria de tal maneira que, não apenas pela semelhança do nome, mas também pela semelhança das obras, parecia ter surgido ali uma nova Nítria.

Todos andavam descalços; todos tinham aparência descuidada, rosto pálido e contentavam-se com extrema pobreza em todas as coisas.

Não eram poucos os que, encerrados atrás de portas às quais ninguém tinha acesso, pareciam tão mortos para o mundo como se já estivessem depositados no sepulcro.

Ninguém ali conhecia o vinho, a não ser quando padecia de enfermidade muito grave.

Mas por que falar dos monges, se até os próprios servidores dos monges e os guardadores de seus rebanhos jejuavam, guardavam silêncio, impunham mutuamente a disciplina e exigiam penitência por qualquer palavra ociosa?

Ó idade de ouro de Romualdo! Embora não conhecesse os tormentos dos perseguidores, nada lhe faltava do martírio voluntário.

Idade de ouro, digo, que alimentava tantos cidadãos da Jerusalém celeste entre as feras das montanhas e dos bosques.

Com o passar do tempo, porém, tornou-se tão grande o número de irmãos que mal era possível a todos habitarem naquele lugar.

Então, depois de construído ali um mosteiro e colocado um abade à sua frente, Romualdo retirou-se para viver em Biforco, conservando inviolavelmente o silêncio.

E naquele lugar, porque desejava viver espiritualmente e permanecer no caminho da retidão, sofreu grande injustiça e perseguição por parte do abade.

Capítulo LXV — Romualdo obtém do imperador Henrique II o mosteiro de Monte Amiata

Nesse meio-tempo, o imperador Henrique veio das regiões de além dos Alpes para a Itália e enviou uma embaixada ao bem-aventurado homem, suplicando-lhe que se dignasse ir ao seu encontro e prometendo que faria tudo o que Romualdo lhe ordenasse, contanto que não lhe recusasse uma audiência.

Como o venerável homem se recusasse terminantemente a romper o silêncio, todos os discípulos começaram unanimemente a suplicar-lhe:

“Mestre, vês que nós, que te seguimos, já somos tantos que não podemos habitar convenientemente neste lugar. Vai, portanto, e pede ao imperador algum grande mosteiro, para que ali estabeleças a multidão dos que te seguem.”

Então o santo homem — não sei se por uma revelação que acabara de receber ou por súbita inspiração de Deus — escreveu-lhes com toda a confiança:

“Ficai sabendo que recebereis do rei, como dádiva, o mosteiro de Monte Amiata. Pensai apenas em quem deveis colocar como abade daquele lugar.”

Dirigiu-se, portanto, ao rei, sem violar o silêncio.

Assim que o viu, o rei levantou-se para recebê-lo e, movido por profunda afeição do coração, exclamou:

“Oh, se minha alma estivesse em teu corpo!”

Depois suplicou-lhe humildemente que falasse, mas naquele dia não conseguiu obter isso dele.

No dia seguinte, quando Romualdo chegou ao palácio, eis que uma multidão de alemães acorreu de todas as partes, apertando-se ao seu redor.

Inclinavam humildemente a cabeça em saudação e, com cuidado, arrancavam pelos da veste de pele que ele usava, guardando-os como relíquias sagradas para levá-los devotamente à própria pátria.

Isso mergulhou o venerável homem em tamanha tristeza que, se não tivesse cedido à insistência contrária dos discípulos, teria regressado imediatamente à sua cela.

Chegando então diante do rei, falou-lhe longamente sobre a restauração dos direitos das igrejas, sobre a violência dos poderosos e sobre a opressão dos pobres; depois de tratar amplamente desses assuntos, pediu-lhe um mosteiro para seus discípulos.

O rei entregou-lhe imediatamente o mosteiro de Monte Amiata e expulsou dali o abade, por ser culpado de muitos males.

Tão grandes foram as adversidades que o santo homem suportou naquele lugar — não apenas da parte do abade expulso, mas também daquele que ele próprio havia escolhido entre seus discípulos e colocado como abade — que, embora Romualdo tenha conseguido suportá-las com enorme paciência, nós não seríamos capazes de narrá-las, ainda que tivéssemos eloquência suficiente.

Mas bastará mostrar, por um único exemplo, de que maneira Deus o auxiliava em todas as coisas; pelo que aconteceu nesse caso, o leitor prudente compreenderá o restante.

Capítulo LXVI — Romualdo é invocado para salvar um monge que planejava matá-lo

Certo monge, inflamado de furor insensato contra Romualdo, afiou às escondidas uma faca, guardou-a e começou a esperar uma ocasião favorável para matar o bem-aventurado homem.

Durante a noite, porém, enquanto repousava vencido pelo sono, eis que viu um espírito maligno lançar-se monstruosamente sobre ele.

O espírito colocou-lhe ao redor do pescoço uma corda feita de ramos trançados e começou a apertar-lhe a garganta com tamanha violência que o monge rapidamente chegou às portas da morte.

Levado pelo espírito maligno ao extremo da vida, o monge implorou que Romualdo viesse em seu auxílio.

E Romualdo, segundo lhe pareceu, voou imediatamente até ele e o arrancou das mãos do perverso inimigo.

Então o monge lançou-se aos pés do venerável homem, pediu-lhe que examinasse a marca deixada em seu pescoço e confessou sem hesitação o pecado de sua malícia.

Agradeceu-lhe por ter conservado sua vida e recebeu a penitência correspondente a tão grave falta.

E assim aquele que havia armado uma emboscada para tirar a vida de Romualdo recebeu, por intermédio desse mesmo santíssimo homem, a graça de conservar a própria vida; e escapou do perigo da morte graças àquele a quem ele próprio tentara levar à morte.

Capítulo LXVII — Romualdo profetiza a chegada de alimentos durante uma enchente

O santo homem tinha este costume quando estava à frente de um mosteiro: exceto nos períodos em que jejuava, todos os dias se dirigia à mesa comum com os irmãos e comia com eles apenas um prato cozido.

Depois permanecia atento à leitura ou ao que quer que fosse realizado em comum diante deles.

Durante a Quaresma, porém, permanecia continuamente em sua pequena cela, a menos que alguma necessidade inevitável o obrigasse a sair.

Enquanto, portanto, o bem-aventurado homem governava a mencionada comunidade de Monte Amiata, aproximava-se o jejum da Quaresma, e ele começou a percorrer com seus discípulos os lugares montanhosos das redondezas, procurando um local onde pudesse estabelecer um eremitério.

Depois de prolongarem a busca por muito tempo, foram subitamente cercados por águas de uma enchente.

Já não podiam regressar, e durante algum tempo ninguém do mosteiro conseguiu atravessar até eles.

Sobreviveram graças a certa quantidade de castanhas que haviam levado consigo.

Quando chegou o domingo e já não havia esperança de conseguir outro alimento, os irmãos começaram a descascar as pouquíssimas castanhas restantes e, um tanto hesitantes, preparavam com elas uma última refeição.

Romualdo, porém, com o semblante alegre que sempre mostrava, declarou com confiança:

“Se Deus não me enviar alguém trazendo pão, hoje não comerei coisa alguma.”

Os discípulos perguntavam-se entre si em que esperança ele se apoiava para dizer aquilo. Mas, certos de que o mestre não faria uma promessa temerária, começaram também eles a aguardar com confiança um alimento digno daquele dia.

E eis que, aproximando-se já a sexta hora do dia, chegaram três homens carregados de pão, vinho e outros alimentos.

Disseram que haviam conseguido chegar até eles somente depois de grande esforço e vindos de muito longe.

Então todos, cheios de alegria espiritual, receberam os alimentos e louvaram a Deus, compreendendo sem nenhuma dúvida que o santo homem soubera de sua chegada por uma revelação do Céu.

Capítulo LXVIII — Um peixe é encontrado para Romualdo num riacho quase seco

Em certa ocasião, o venerável homem foi a Sitria.

Como vinha jejuando e os irmãos, por habitarem em altas montanhas, não tinham peixe algum para lhe servir à mesa, começaram, um tanto constrangidos, a envergonhar-se entre si e a pensar com inquietação no que poderiam conseguir para hóspede tão venerável.

Então certo irmão, sem dúvida inspirado por Deus, correu apressadamente até um riacho quase seco que passava ali perto. Havia nele tão pouca água que jamais se vira peixe algum naquele lugar.

O irmão começou então a suplicar devotamente a Deus que aquele que fizera brotar água de uma rocha seca para o povo de Israel se dignasse também a mostrar-lhe um peixe naquele regato que já secava.

E imediatamente, introduzindo a mão naquela pouca água, encontrou um peixe grande o bastante para proporcionar ao bem-aventurado homem uma refeição abundante.

Assim, quando Deus providenciou alimento para seu servo, foi como se, numa montanha seca e pedregosa, se houvesse encontrado, num vale, um viveiro repleto de peixes.

Mas, como julgamos que essas poucas coisas sobre a vida do bem-aventurado homem bastam — embora sem dúvida constituam apenas uma pequena parte das muitas que dele se contam —, passemos agora à sua partida deste mundo.

Capítulo LXIX — Romualdo morre em Val di Castro

Em suma, o santo homem viveu ainda em muitos outros lugares, suportou muitos outros males — sobretudo da parte de seus discípulos — e muitos outros milagres foram realizados por seu intermédio.

Passaremos tudo isso em silêncio, pois procuramos evitar que esta obra se alongue excessivamente.

Depois de todos os lugares em que havia vivido, finalmente, quando percebeu que seu fim se aproximava, regressou ao mosteiro que havia construído em Val di Castro.

Ali aguardou sem hesitação sua iminente partida e mandou preparar para si uma cela com um oratório, na qual pretendia permanecer recluso e guardar silêncio até a morte.

Com efeito, vinte anos antes do fim de sua vida, havia anunciado claramente aos discípulos que deveria repousar naquele mosteiro e que, sem ninguém a seu lado para assisti-lo ou prestar-lhe as últimas honras, seria libertado dos vínculos do corpo e entregaria o espírito.

Foi então preparada a cela de reclusão.

Enquanto estava decidido a entrar nela imediatamente, seu corpo começou a tornar-se cada vez mais pesado devido às enfermidades e a definhar, não tanto por alguma doença determinada quanto pelo enfraquecimento provocado pela extrema velhice.

Desde aproximadamente a metade daquele ano, expelia grande quantidade de catarro, juntamente com toda a corrupção de um pulmão enfermo, e uma tosse o atormentava com intensa falta de ar.

O santo homem, porém, nem por isso consentiu em repousar no leito, nem, na medida do possível, em abrandar o rigor de seu jejum habitual.

Certo dia, suas forças corporais começaram pouco a pouco a abandoná-lo, e o sofrimento que o afligia passou a fatigá-lo com maior intensidade.

Quando o sol já estava prestes a se pôr, ordenou aos dois irmãos que o assistiam que saíssem, fechassem atrás de si a porta da pequena cela e retornassem ao amanhecer, para cantar com ele os hinos da manhã.

Eles partiram com relutância, preocupados com a proximidade de seu fim.

Não foram imediatamente repousar. Temendo que o mestre viesse a morrer, esconderam-se perto da pequena cela e permaneceram vigiando, como quem guarda um tesouro precioso.

Esperaram assim por algum tempo.

Alternando-se, escutavam atentamente, com os ouvidos alerta. Quando já não ouviram nem movimento do corpo nem som algum de voz, compreenderam corretamente o que havia acontecido.

Abriram a porta, entraram depressa, acenderam uma luz e encontraram o santo corpo deitado de costas, enquanto a alma bem-aventurada havia sido arrebatada ao Céu.

Ali jazia, portanto, como uma pérola celeste momentaneamente abandonada, mas que logo seria recolocada com honra no tesouro do Rei supremo.

Sem dúvida, aquele que partiu deste mundo da maneira que havia predito alcançou o lugar ao qual esperava chegar.

O bem-aventurado homem viveu cento e vinte anos: passou vinte deles no mundo, três no mosteiro e noventa e sete no modo de vida eremítico. (nota de rodapé: Pedro Damião atribui a Romualdo 120 anos de vida, número preservado nesta tradução por fidelidade ao texto. Essa idade, contudo, foi questionada pela crítica histórica, em razão de dificuldades cronológicas apontadas por estudiosos como os Bolandistas e Colin Phipps.)

Agora, entre as pedras vivas da Jerusalém celeste, resplandece inefavelmente em vermelho; exulta entre as ardentes fileiras dos espíritos bem-aventurados; veste a alvíssima estola da imortalidade e é coroado pelo próprio Rei dos reis com um diadema que resplandecerá por toda a eternidade.

Capítulo LXX — Um possesso é curado pela túnica de crina de Romualdo

Depois da santíssima partida do venerável homem, quantos sinais milagrosos Deus realizou por seu intermédio!

Quem pediria para ler sobre coisas já realizadas quando frequentemente poderia contemplar outras sempre novas?

Como são tantos os milagres que acontecem junto de seu sepulcro, julgamos melhor passar todos eles em silêncio do que relatar apenas alguns. Bastará, portanto, registrar dois milagres realizados em outros lugares por intermédio desse mesmo bem-aventurado confessor.

Certo irmão, que havia sido discípulo do santo homem, dera ao mosteiro uma pequena igreja pela salvação de sua alma.

Para essa igreja enviou a extremidade de uma manga cortada da túnica de crina do bem-aventurado homem, ordenando que fosse depositada honrosamente sob o altar.

Aquele que transportava a relíquia, porém, negligenciou a ordem recebida. Em vez de colocá-la sob o altar, lançou-a descuidadamente numa fenda da parede.

Algum tempo depois, aconteceu de levarem um possesso àquela igreja.

Enquanto permanecia no meio do edifício, voltando a cabeça de um lado para o outro e examinando tudo ao redor, seus olhos ferozes acabaram por fixar-se horrivelmente naquela mesma parede.

Fitando precisamente o lugar onde estava escondido o pequeno fragmento da santa túnica de crina, começou a gritar repetidamente:

“Ele está me expulsando! Ele está me expulsando!”

E, enquanto gritava essas palavras, o demônio foi imediatamente expulso dele.

Disso se compreende com razão: o que não poderia ele alcançar pessoalmente diante da misericórdia divina, se o demônio não conseguiu sequer permanecer diante de uma mínima porção

de sua veste?

E, se ausente realizou coisas tão grandes, o que não realizaria mediante a presença de seu próprio corpo?

Capítulo LXXI — Uma vaca roubada é restituída à sua dona

Em outra ocasião, certo administrador tomou violentamente a vaca de uma mulher pobre.

Desprezou seus gritos e súplicas e recusou-se repetidamente a devolvê-la.

A mulher apanhou então dois pintinhos de suas galinhas e correu imediatamente até a igreja mencionada acima.

Ali, lançando diante do altar tanto os pintinhos quanto a si mesma, começou a clamar entre lágrimas:

“Ó São Romualdo, ouve uma mulher miserável! Não desprezes esta desamparada e devolve-me aquela que injustamente me foi roubada e da qual depende meu sustento!”

E aconteceu algo admirável.

O administrador mal havia percorrido, com sua presa, a distância de um tiro de flecha desde a casa da mulher quando foi subitamente atingido.

Soltou ali mesmo a vaca e, chegando depois à própria casa, imediatamente expirou.

Capítulo LXXII — Constrói-se um santuário para o corpo incorrupto de Romualdo

Cinco anos depois da morte do santo homem, a Sé Apostólica concedeu aos monges permissão para erguer um altar sobre seu venerável corpo.

Certo irmão chamado Azo dirigiu-se então ao bosque para preparar uma pequena urna, que julgava suficiente para receber os ossos e o pó do santo homem.

Na noite seguinte, porém, um venerável ancião apareceu em sonho a um dos irmãos e perguntou-lhe imediatamente:

“Onde está o prior deste mosteiro?”

Como o irmão respondeu que não sabia, o ancião acrescentou:

“Ele foi ao bosque preparar uma urna; mas o corpo do bem-aventurado homem não caberá num recipiente tão pequeno.”

No dia seguinte, o prior regressou trazendo a urna que havia preparado.

O irmão que tivera a visão perguntou-lhe por que havia ido ao bosque. Como o prior, cansado do trabalho, não quisesse responder, o irmão revelou-lhe imediatamente a razão da viagem e contou, em ordem, tudo o que havia visto.

Abriram então o túmulo e encontraram o corpo do santo homem quase inteiro, são e incorrupto, praticamente no mesmo estado em que havia sido entregue à sepultura.

Apenas uma fina camada semelhante a penugem podia ser vista sobre algumas partes do corpo.

A pequena urna que haviam preparado foi então deixada de lado.

Imediatamente fizeram um recipiente adequado às dimensões do corpo bem-aventurado e nele depositaram reverentemente as santas relíquias, para que servissem de proteção aos fiéis.

Sobre elas, consagraram solenemente o altar.

O bem-aventurado homem partiu deste mundo no décimo terceiro dia antes das calendas de julho, isto é, em 19 de junho, no reinado de nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e é glorificado com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos sem fim.

Amém.